

Diário de Lisboa

Número avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor:

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º

Endereço telegráfico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANZO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 44

TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

Endereço telegráfico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A AMAZONIA, depois dum período florescentíssimo, assistiu á ruína da borracha, porque outros países a exploraram ou lhe inventaram um «sucedenão». Agora está-se passando cousa parecida com a «castanha do Pará» que, levada para terras estrangeiras como contrabando, feito ás escancaras, começou já a frutificar na Índia para onde os ingleses a transplantaram. Entrou já no Tamisa o primeiro barco carregado de tão precioso fruto — precioso como alimento e como riqueza industrial. A tal respeito, escreve A Informação, do Rio de Janeiro:

— «Não tardará o dia em que a Inglaterra nos ofereça castanhas a preços mais razoáveis do que nos custam as nossas.

De qualquer modo, louvado seja Deus!».

Felizmente que o nosso vinho do Porto é tão português e incorruptível que ainda se não descobriu maneira de o desarrumar dos socacos do Douro.

* * *

A LEI brasileira considera brasileiros os filhos de estrangeiros no território da Republica. Pelo contrario, a lei alemã segue os alemães por toda a parte onde vivam e onde nasçam, reclamando-os para o cumprimento do dever militar.

Por este motivo o ministro dos Estrangeiros do Brasil enviou uma «nota» ao governo do Reich na qual protesta contra o procedimento do consulado alemão em S. Paulo que convidava os alemães nascidos no Brasil a alistarem-se na Reichswehr. Trata-se dum inevitável conflito de leis que se resolve sempre por uma suave acomodação. A Alemanha gosa de tal prestígio, junto dos seus filhos dispersos pelo mundo, que neles reservam sempre para a mãe-pátria uma afeição que ela nunca deixa esmorecer.

Este exemplo não encerra uma lição que nós poderíamos aproveitár, não deixando extinguir, nas «dispersões» da nossa raça, o culto de Portugal?

* * *

O PROFESSOR Sousa Carvalho publicou, pela Editorial «O Seculo», novo Metodo de aprender a ler e a escrever que, segundo crêmos, contribuirá poderosamente para combater o analfabetismo. Explica a palavra pela imagem, visto que a lingua é um admirável compendio das cousas e dos seres. Ensinar a ler e a escrever visa a habilitar os analfabetos — crianças ou adultos — com um instrumento de comunicação e revelação que, sendo para o espirito uma facilidade sem igual, para a natureza um processo de humanização.

O autor, com o seu metodo, tão facil como intuitivo, mostra que não pertence ao numero dos portugueses para quem o analfabetismo é um principio de conservação pessoal e de miseria espiritual.

UMA ENTREVISTA OPORTUNA

O novo embaixador da Espanha vai trabalhar para o estreitamento de relações entre os dois países



Claudio Sanchez Albornoz

MADRID, 14. — O sr. Claudio Sanchez Albornoz, nomeado recentemente para o cargo de embaixador da Espanha em Portugal, quiz ter a amabilidade de receber o correspondente da agência Herzog, ao qual fez declarações para o «Diário de Lisboa», que se revestem duma grande oportunidade.

O sr. Sanchez Albornoz é, como se sabe, um ilustre professor de Historia, que ainda ha pouco tempo teve occasião de demonstrar os seus profundos conhecimentos numa conferencia que fez em Lisboa, quando se efectuou a Exposição do Livro Espanhol.

Muito novo ainda, apenas com 43 anos de idade, desempenhou já o cargo de reitor da Universidade Central de Madrid e ocupou a pasta dos Estrangeiros num ministerio de curta duração.

O novo embaixador da Espanha em Portugal recebe-nos pontualmente á hora marcada. Quando soube que chegaríamos de Lisboa, ele proprio manifestou o desejo de nos falar.

Chego ás 5 horas ao belo edificio da «alle» Ferraz em que habita o sr. Sanchez Albornoz, perto da praça de Espanha, e não muito longe da antiga embaixada de Portugal. Declino a minha identidade ao porteiro, que me recebe com um ar mais ministerial do que o proprio ministro, como sucede de resto em toda a parte, e dali a pouco encontro-me no vasto gabinete de trabalho do novo embaixador, que não tarda a chegar.

O sr. Sanchez Albornoz parece-me ainda mais novo do que eu o fazia, pelas fotografias que vi publicadas. Sente-se logo que não é um burocrata nem um burguês ocioso. É um homem culto, de maneiras e de espirito, que tem a tranquillidade dum sábio. Olhos claros e penetrantes, detrás dumas lunetas de investigador, fala com uma voz serena e doce. Como todos os sábios e professores, exprime

com firmeza as suas opiniões. Historiografo, antigo catedrático das Universidades de Barcelona, de Valladolid e de Madrid, fez também os seus estudos sobre a Historia de Portugal, publicou livros que lhe dizem respeito e dirige uma revista de ciencias historicas onde nunca faltam colaboradores portugueses.

Começamos a falar daquilo que nos interessa.

— Conheço muito bem Portugal, diz-nos o sr. Sanchez Albornoz, e especialmente Lisboa, Coimbra, Porto e Braga, além doutras cidades. Foi sobretudo em Coimbra e em Braga, através dos seus monumentos, que colhi uma impressão mais duradoira. Prefiro, no entanto, Lisboa, que é muito differente daquelas cidades no seu aspecto e no seu ritmo. Viajei muito e conheço muitas capitais da Europa. Pois comparei sempre Lisboa a Viena. Com excepção de Madrid, não conheço outras cidades que tenham um aspecto tão amavel e tão acolhedor.

«Conservando-me sempre e inteiramente á disposição do meu governo, devo confessar-lhe que estou muito satisfeito por ter sido escolhido para esta missão em Lisboa. Não teria preferido Londres, Berlim ou qualquer outro posto diplomatico. Pela razão que lhe expuz e pelo facto de contar amizades sinceras entre algumas familias portuguesas. Confio em que poderei servir os interesses do meu país, de harmonia com os interesses portugueses. Em minha opinião, Portugal é o vizinho que mais nos interessa, o mais importante — mais importante para nós que o nosso grande vizinho do Norte, para lá dos Pirineus. Infelizmente, espanhóis e portugueses não se conhecem suficientemente. Tenho esperança de que hei-de contribuir para melhorar esta situação. É indispensável, sobretudo, provocar um intercambio permanente das ciencias, das letras e das instituições culturais dos dois países. É preciso abrir as Universidades espanholas aos estudantes portugueses que desejem ampliar os seus estudos. Além disso, devem manter-se as relações mais cordiais, mais estreitas e mais amigáveis entre as duas nações peninsulares.

«Todas as missões têm as suas dificuldades. Tive a honra de conhecer o ministro dos Negocios Estrangeiros de Portugal, dr. Armindo Monteiro, e tenho razões para ser optimista a esse respeito. É com este optimismo que confio na conclusão do tratado de commercio entre a Espanha e Portugal, dentro dum prazo breve, pois só dentro dalgumas semanas é que poderei partir para Lisboa.

«É desnecessario dizer-lhe que me occuparei vivamente da grande colonia espanhola em Portugal, procurando informar-me acerca das relações que mantem entre si, assunto que me parece da maior importancia.

«Como não «bdico nunca, mesmo como politico, das doutrinas da minha verdadeira profissão, não me canso de

(Ver continuação na 8.ª pagina)

NUM recanto discreto de Lisboa arrabalдина, a Quinta das Conchas, ao Lumiar, reconstituiu-se ontem durante algumas horas, num arranjo de artistas de boa inspiração, um pedaço de vida setecentista, nesse período que havia de preceder o romantismo, mas ainda não agonizava na mediocridade.

Num artificio da cinematografia de classe pôz-se em pé um dos famosos «Alcype».

A marquesa de Alorna, que se rodeava de quantos sabiam viver pelo espirito e pela arte — essa bela figura do seculo XVIII nunca suficientemente evocada — ressurgiu por momentos e criou-se, pois reviver também é criar, um ambiente gracioso português, que visto a distancia nem por isso perde o seu delicioso sabor requintado.

Filmaram-se nos estudos da «Tobis» cenas interiores do «Bocage», a nova produção cinematografica de Leitão de Barros, que está sendo realizada pela S. U. S. F., orientada agora superiormente por Alvaro Lima, nome bem conhecido do jornalismo e do teatro.

Foi admirável, até pelo conjunto da assistencia convidada, a evocação de ontem, animando um pedaço esta Lisboa monótona de trivialidades artisticas.

* * *

«**U**MA revolução é uma demolição» — diz Madariaga, escrevendo ha dois dias acerca do que está acontecendo na sua patria — e continua assim: «Por isso as revoluções são do agrado da classe proletaria (não digo da popular nem da trabalhadora) que, por não ter nada que perder e estar psiquicamente na infancia, ama a destruição por si, pelo simples facto de que desapareça alguma coisa já criada. Assim se explicam os incendios de conventos e igrejas, que nenhuma furia anti-clerical bastaria, não digo para justificar, mas para tornar inteligivel. Concedida por hipotese a ira popular contra os conventos, para que incendiasse-os? Porque não instalar nos seus amplos dormitórios as numerosas familias proletarias que não têm onde alojar-se? Mas, esta ideia é já construtiva, e a revolução é uma demolição, e o proletariado vai para a demolição apenas por instinto destruidor».

* * *

MERCEDES Blasco publicou novo livro — Nas Trincheiras da Vida, que, como todos os seus — uma alta pirâmide de volumes que são a sua vida, conhada e sofrida, e o seu ganha-pão — se inspira no desejo de melhorar os homens, recreando-os e encaminhando-os para o belo.

Através das suas paginas, aparecem inteligentes «anotações» e casos de hoje que revelam um perfeito conhecimento da epoca actual e das suas maculas.

LISBOA

Molduras e Gravuras
do melhor gosto
MAURICIO
Rua Augusta, 240-1.º
Telefone 28229

A Cidade

Dr. João da Piedade Guerreiro
Clínica Médica
Trav. Nova de S. Domingos, 9-1.º Esq.
das 16 1/2 às 18 1/2

FOLCLORE PORTUGUÊS

O concurso das canções da Uva e do Vinho

Na próxima segunda feira começa a entrega de produções poéticas para o Concurso Literário de Canções do Vinho e da Uva.

Como temos dito, este concurso é extensivo a todos os poetas portugueses, de qualquer região, quer utilizem a poesia popular quer a poesia de sentido literário puro, não se perdendo de vista que as produções se destinam a ser musicadas, e devem de preferência revestir o feitio de canção.

A direcção do concurso, por acordo com o Centro de Estudos Científicos Portugueses da Uva e do Vinho, resolveu conceder os seguintes prémios:

- 1.º — De 500 escudos.
- 2.º — De 250 escudos.
- 3.º, 4.º e 5.º — De 100 escudos.
- 6.º, 7.º, 8.º, 9.º e 10.º — De 50 escudos.

As condições

Publicamos novamente as condições do Concurso:

1—O Concurso LITERÁRIO DE CANÇÕES SOBRE A UVA E O VINHO, é organizado pelo «Diário de Lisboa» com a colaboração do Centro de Estudos Científicos da Uva e do Vinho e destina-se a apurar umas dezenas de poesias, de feitio de canção, que possam ser musicadas, e que exaltem, indistintamente a uva, o vinho, as vindimas, as faixas dos lagares e dos trabalhos das vinhas, podendo aludir a um único destes aspectos do tema do Concurso.

2—As produções poéticas não deverão conter mais do que quatro estrofes, quadras ou sextilhas, podendo contar menos, admitindo-se o verso solto ou quebrado de ritmo, com refrain ou sem ele, mas em sujeição às regras da métrica e à perfeição da forma.

3—Não são admitidas produções que se refiram a marcas comerciais, mas aceitam-se as que exaltem os vinhos e as faixas de qualquer região.

4—O Juri é constituído por três escritores, um dos quais, pelo menos, será um poeta, e pode ser assistido de um compositor musical de reconhecido mérito.

5—As decisões do Juri são irrevogáveis, delas não havendo recurso em qualquer caso.

6—Serão dez pelo menos, as produções que poderão ser premiadas. e destas, cinco pelo menos serão musicadas oportunamente. Os prémios para as poesias ou canções são constituídos, no carácter do Concurso, por caixas de vinhos de regiões, uma para cada autor premiado, e haverá ainda prémios pecuniários, atribuídos segundo o critério do Juri, de 500 escudos para a primeira produção premiada, de 250 para a segunda, de 100 a cada uma das terceiras, quarta e quinta, de 50 a cada uma das sexta, sétima, oitava, nona e décima.

7—Fica entendido que os concorrentes autores das produções premiadas cedem a propriedade das suas poesias ou canções para o domínio público, ou seja imprensa, propaganda no país ou no estrangeiro, radiodifusão, teatro ou outros espectáculos, etc., onde essas produções sejam cantadas com a música que lhe for destinada. Exceptua-se o caso de edições de música e letra, em conjunto, para as quais o direito de propriedade permanece a favor dos autores.

8—A entrega das produções constitui prova de aceitação das condições deste concurso. Cada concorrente entregará dois envelopes iguais, um dos quais conterá a produção dactilografada firmada por uma divisa, tendo por fora: «Concurso literário—Original—Ao «Diário de Lisboa», Rua Luz Soriano, 48, Lisboa», e outro envelope conterá o nome do «autor» correspondente à «divisa» que se repete tendo por fora: «Concurso literário—Autor—Ao «Diário de Lisboa» Rua Luz Soriano, 48, Lisboa».

9—O Concurso literário de canções sobre a uva e o vinho é independente do Concurso musical que houver de ser feito oportunamente.

10—A entrega de produções começará em 20 de Abril e prolonga-se até 30 de Abril.

UMA INICIATIVA EM MARCHA

O Grupo «Amigos de Lisboa»

realiza amanhã a sua primeira assembléa geral

Realiza-se amanhã, às 21 horas, na Sociedade Propaganda de Portugal, no largo do Chiado, a primeira assembléa geral do Grupo dos «Amigos de Lisboa».

A iniciativa, ha muitos anos lançada, tem enfim efectivação.

Como temos dito, este Grupo reúne todas as pessoas, sem distincção de categorias ou de valores, que tenham entranhado afecto á cidade, e que por suas obras, ou simplesmente, por indole e por entusiasmo, possam ser considerados amigos de Lisboa.

A assembléa de amanhã deve ser extraordinariamente concorrida, e representa de certo modo uma parada de forças de todos aqueles que, nascidos em Lisboa ou não, á capital, ao seu passado, ao seu presente, e ás suas aspirações dedicam um interesse máximo, despidos de outras preocupações que não sejam o desenvolvimento da cidade, o seu progresso urbanista, e a defesa do patriotismo historico e artistico.

O Grupo não pretende ter qualquer especie de ingerencia, directa ou indirecta, na vida administrativa, nem collidir com instituições de conselho ou consulta já existentes, oficialmente.

A reunião de amanhã pode ter uma grande significação.

Os socios fundadores, inscritos ou propostos, comparecerão sem necessidade de convites especiais ou insistencia. A obra olisiponense, artistica, literaria, critica, scientifica ou meramente espiritual e moral de cada um, dão garantia de que o primeira assembléa geral terá um caracter expressivo, de unidade de vistas á roça desta simples idéa: defender Lisboa, estimular vontades a favor de Lisboa, orientar num bom sentido progressivo a vida de Lisboa.

Amanhã será discutido e posto á aprovação o projecto de Estatutos, cuidadosamente elaborado pela Comissão Organizadora do Grupo.

E serão eleitas a mesa da Assembléa geral, a Junta Directiva e a Comissão de Contas.

As quatro secções compõem-se de 28 socios, especializados nos varios assuntos: historicos e artisticos, urbanistas, economicos, esteticos e higienicos, cultural e de propaganda.

São estes socios, com aqueles que desempenham cargos nos Corpos gerentes, efectivos e substitutos, que compõem o «Conselho dos Amigos de Lisboa»—que bem poderá ser uma entidade representativa, revestida de força moral e tecnica.

Os objectivos do Grupo

Eis os primeiros artigos do projecto dos Estatutos:

O Grupo Amigos de Lisboa é constituído por um numero illimitado de individuos, naturais ou não de Lisboa, que por suas tendencias ou por suas obras, e em varios ramos de actividade, nomeadamente nas letras, nas artes, nas ciencias historicas e arqueologicas, nos assuntos urbanistas, no municipalismo e no jornalismo tenham demonstrado conhecimento dos problemas e questões que interessam á capital do país, e ainda por todos aqueles que se integrem no espirito criador deste Grupo.

Os objectivos do Grupo são fundamentalmente: a)—Contribuir para o

estudo e solução dos problemas de urbanismo e expansão de Lisboa; b)—Defender o patrimonio artistico, monumental e documental olisiponense; c)—Criar por todos os meios ao alcance dos socios opinião publica que reforce a acção colectiva do Grupo, e estimulo que desenvolva o gosto pelos assuntos que interessam á capital do país e seus arredores; d)—Dar o seu concurso, sempre que lhe seja pedido, a instituições officiais e particulares que se occupem da administração, da defesa, e do progresso expansivo de Lisboa.

Os primeiros socios

Segue, sem ordem de inscrição, a lista de alguns dos socios inscritos e propostos fundadores, e que deverão assistir á primeira assembléa geral do Grupo «Amigos de Lisboa»:

Engenheiro Augusto Vieira da Silva, escritor erudito, mestre de assuntos olisiponenses; João Pinto de Carvalho (Tinop), escritor; dr. Levy Marques da Costa, municipalista; dr. Alberto Mac-Bride, especializado em assuntos olisiponenses; dr. Joaquim Fontes, professor e arqueologo; Manuel José Monteiro, bibliófilo e coleccionador (conta 92 anos); Paulino Montez, architecto urbanista; Raul Lino, architecto; João Ribeiro Cristino, artista pintor, do «Grupo do Leão» e publicista; João da Silva, artista; dr. Durval Pires de Lima, erudito; Eduardo Scwalbach, dramaturgo e jornalista; Gustavo de Matos Sequeira, escritor e arqueologo erudito; dr. José de Figueiredo, critico de arte; A. Cesar de Mena Junior, arqueologo; D. Adeline Abranches, artista e medalha de honra da Cidade; D. Raquel Roque Gameiro, artista representativa; Antonio de Almeida Belo, engenheiro; João Alves de Sá, artista pintor; dr. João Moreira de Almeida, advogado e jornalista; Alfredo de Moraes, artista pintor; Antonio do Couto, architecto; dr. Eugénio Mac-Bride, especializado em assuntos olisiponenses; Leitão de Barros, artista e jornalista; Joaquim Leitão, erudito e municipalista; dr. Alfredo Guizado, escritor e municipalista; engenheiro Carlos Santos, municipalista; Nogueira de Brito, publicista e escritor; Julio Pires, coleccionador; Jordão de Freitas, escritor erudito; J. M. Pereira Coelho, escritor e municipalista; Pedro Bordallo Pinheiro, jornalista e coleccionador; Luiz Pastor de Macedo, escritor erudito e municipalista; Gualdino Gomes, erudito; Artur Barcia, coleccionador; Henrique Ferreira de Lima, erudito; engenheiro Fernando de Sousa, jornalista; Jesuino Ganhado, bibliografo; Francisco O'Sullivan, coleccionador; A. Tavares de Macedo, coleccionador; Henrique de Seixas, coleccionador; Raul Ferrão, maestro compositor; engenheiro Gomes da Silva, especializado em assuntos olisiponenses; Costa Veiga, publicista erudito; dr. Samuel Maia, escritor e jornalista; Jorge Colaço, artista pintor; Rocha Martins, historiador e jornalista; Norberto de Araújo, escritor e jornalista; Julio Ferreira, coleccionador; Alvaro de Lacenda, commercialista; dr. Reinado dos Santos, critico de arte; Ribeiro Cristino da Silva, architecto urbanista; Luiz Teixeira, jornalista; dr. Rodrigues Cavalheiro, erudito; dr. Alvaro Maia, jornalista; Francisco Valença, artista desenhador; Stuart Carvalhais, artista desenhador; dr. Eduardo Neves, bibliografo; dr. J. Simões Alves, bibliografo; Erico Braga, artista; Mario Sampaio Ribeiro, erudito; Diogo Sobral, engenheiro; Pedro da Assunção, coleccionador; Luiz Pedro Palmeirim, bibliografo; além de muitos outros, que de memoria nos escapam ou inscritos nos ultimos dias, e cujos nomes não temos á vista.

Os socios efectivos inscritos ascendem a uma centena.

A PINTORA DAS FLORES

Eduarda Lapa fala-nos da sua exposição do Porto



Eduarda Lapa

Eduarda Lapa, cujos pinceis de magia, têm pintado alguns dos mais bellos trechos da paisagem portuguesa, esteve agora no Porto, onde apresentou uma admiravel galeria de quadros. A exposição foi um exito. Dir-se-ia que a cidade do norte, colheu todas as flores dos seus jardins para as entregar, em apaixonada oferta, á illustre artista. Eduarda Lapa, com a sua alma de limpido cristal, olhos de milagre que sabem, como raros, fixar a sensibilidade colorida duma rosa, a melancolia dum poente, a canção azul das aguas dum rio e, incomparavelmente, essa paisagem lacustre, que vai da Torreira até ao mar, nos seus multiplos aspectos de beleza e de sonho—merecia em absoluto todas as homenagens que o Porto lhe prestou, com um entusiasmo que é o timbre das suas hospitaleiras tradições. A artista mostra-se ainda confusa. A custo fala desse triunfo, embora, como é natural, esteja ansiosa por agradecer tudo quanto ali lhe fizeram.

Ora ouçamo-la rapidamente na quietação do seu studio, entre as belas flores que a tinta de oleo parecem mais vivas e fragrantas que as verdadeiras, e a ria de Aveiro, aqui e ali apontada, em fotosferas prateadas, galbos fenícios de moliceiros, descargas pitorescas, braços de agua, coleantes e languidos, beijando a terra fecunda.

Como sempre, ella é simples e afavel, muito «camarada», na espontaneidade duma alma, que não procura palavras para se exprimir, entregando-se numa confissão total.

—Que impressões traz da sua exposição no Porto?

—Estou ainda aturdida! Parece-me um sonho! Não esperava tanto. Julgava que essas carinhosas e entusiasticas recepções ás «estrelas» de cinema, que os jornais, por vezes descrevem, eram impossiveis na vida portuguesa e, com mais forte razão, na minha vida modesta de artista. O Porto, porém, deu-me a realidade dessa illusão.

—Um triumpho...

—Moral e material. Basta dizer-lhe: compraram-me mais de metade dos quadros que levei. O salão, fizesse sol ou mau tempo, estava sempre cheio. Não me deixaram almoçar, nem jantar no hotel, tantos eram os convites. Diariamente, os jornais, pelas suas penas mais illustres, acompanhavam, carinhosamente, a exposição. Trago e deixo saudades, tantas que hei de voltar.

E, depois numa frase gentil:

—Compreendo melhor agora o legado de D. Pedro ao Porto. Não foi um acto politico, mas um impulso sentimental! Por mim, confesso, não merecia tanto!

BRINDES

A dificuldade é só escolhê-los!
assim a dizem os Ex.^{mos} clientes das
ARTES DECORATIVAS

Rua do Ouro

CHA LI-CUNGO

Qualidade extra fina

Este chá é muito apreciado pelo seu finissimo aroma e delicioso paladar. A' venda nos bons estabelecimentos de todo Paiz.

COMPANHIA DA ZAMBEZIA

UMA REUNIÃO INTERNACIONAL

O presidente do Automovel Club de França

fala-nos de automobilismo, de caminhos de ferro, de passagens na fronteira e de outros assuntos



Visconde de Rohan

Hoje, às sete horas, partiram, em auto-carro, acompanhados por alguns directores e funcionários do A. C. P., numerosos delegados da «Assembleia da Primavera» da Associação Internacional dos Automoveis Clubes Reconhecidos que se realizou em Lisboa. Em Beja, eram os viajantes aguardados pelo delegado do Automovel Club de Portugal, sr. Germano Bentes, tendo almoçado num salão da Sociedade Benjense, depois do que se dirigiram para a fronteira, acompanhados por uma numerosa caravana automobilística.

No posto fiscal fronteiriço de Vila Verde de Ficalho houve um «Porto de Honra» para despedida aos delegados estrangeiros que se declararam admiravelmente impressionados e que enviaram alguns telegramas ao chefe do Estado, ao presidente do Conselho e ao ministro das Obras Publicas e Comunicações, agradecendo as facilidades dadas pelo governo para a sua reunião e o gentil acolhimento que tiveram durante a sua estada em Portugal. Em seguida, o auto-carro dirigiu-se a Sevilha, onde irá até Gibraltar, para que os delegados embarquem num paquete com destino a Roma.

O sr. visconde de Rohan, da nobre família dos duques do mesmo título, irmão da princesa Murat, que em Portugal realizou uma interessante conferência e foi condecorada, aviador durante a Grande Guerra, oficial da Legião de Honra e presidente do Automovel Club de França, não acompanhou os delegados que se dirigem a Itália. Preferiu ir hoje com a esposa a Coimbra e retirar depois para Paris.

Antes, porém, conversou largamente com um redactor do nosso jornal, á hora do aperitivo, no ambiente europeu e simpático de York Bar, depois de regressar dum delicioso passeio a Sintra com os seus e nossos amigos srs. Leopoldo de Lys e João Rocha Leão.

O organismo a que a grande importância, não só pela sua categoria, pelos dois milhares de socios que tem a sede de Paris e pelos duzentos e cinquenta mil que somam todas as suas filiais, mas porque é em Paris a sede da Associação Internacional dos Automoveis Clubes Reconhecidos.

Começou o sr. visconde de Rohan por algumas palavras verdadeiramente agradáveis para nós: viajante infatigável, encantaram-no as belezas da nossa terra; automobilista categorizado, agradaram-lhe as estradas portuguesas que viu e a respectiva sinalização; conhecedor de muitas e variadas gentes, impressionou-o a hospita-

lidade *sui generis* da nossa, a gentileza dos portugueses, o conhecimento da lingua francesa por parte da totalidade das pessoas com quem conviveu em Lisboa; dirigente do gastronomico Club des Fourchettés, apreciou muito a cozinha portuguesa...

—Antigamente, todas as assembleias gerais da A. I. A. C. R. se realizavam em Paris. Mas ha quatro anos foi resolvido que, continuando-se a fazer as do outono na capital francesa, as da primavera se fossem realizando, sucessivamente, em diversos países, facilitando, assim, o conhecimento da importancia daquele organismo e o alargamento da sua benefica accão em prol do automobilismo. Assim, a de 1934, reuniu-se no Cairo; a de 1935 em Cracovia; e a deste ano, graças á gentileza do governo português e aos esforços do Automovel Club de Portugal, em Lisboa. Devo dizer-lhe que vamos tambem muito bem impressionados com a esplendida organização de toda a assembleia e dos acontecimentos que com ela se ligaram.

—Qual foi, em seu entender, o mais importante resultado desta reunião?

—Ventilaram-se os mais importantes problemas automobilísticos: a concorrência entre o aumovel e o caminho de ferro; a carta alfandegaria permitindo ao automobilista atravessar todas as fronteiras com a garantia de todos os clubes filiados na Associação Internacional; os impostos sobre a gasolina; a sinalização nas estradas e nas localidades; os carburantes nacionais que em cada país podem ser utilizados...

Depois de nos perguntar em que estado se encontrava em Portugal a concorrência entre a camionagem e o comboio e de lhe termos dito que as companhias ferroviarias tinham serviços combinados com muitas empresas de camionagem para a ligação das estações com outras localidades, o sr visconde de Rohan disse-nos:

—Parece-me que a orientação que está agora seguindo no meu país o comité de coordenação é a mais acertada. Comparando os transportes terrestres com um sistema hidráulico, o caminho de ferro deve constituir o rio, ficando reservado ás carreiras automobilísticas o papel de afluentes. Actualmente, por exemplo, não se podem fazer carreiras automobilísticas de mais de 50 quilómetros, assim como é proibido que os camiões aceitem fretes de retorno, para evitar o aviltamento dos preços que em tais condições se verificava. E, como uma das grandes vantagens da camionagem sobre o caminho de ferro era o facto da primeira recolher a mercadoria na casa do vendedor e ir levá-la á do comprador, evitando despesas, demoras e complicações, começou este ano a funcionar o sistema seguinte: a mercadoria é carregada num carro que o camião reboca até á estação; nesta uma grúa coloca-o sobre um vagão; na estação de destino, o carro é descarregado pelo mesmo processo e atrelado a outro camião que o leva ao destinatário.

«Com respeito á sinalização luminosa, procura-se não só uniformizá-la (a cor vermelha para parar, a amarela para atenção e a verde para andar), mas fazer com que em todas as estradas e localidades elas sejam sobrepostas pela mesma ordem, para que quando a visibilidade for pequena, por qualquer motivo, o automobilista possa compreender os sinais luminosos pela altura a que estão.

Lanches para casamentos
PATISSERIE VERSAILLES

O NOVO REGULAMENTO

da Junta Nacional de Educação

Pelo Ministerio da Educação Nacional foi enviado para a folha official o regulamento da Junta Nacional de Educação, diploma de alto interesse mas que, por ser extensissimo, não podemos transcrever, nem sequer em parte.

Segundo ele, a J. N. E. é constituída pelas seguintes secções: Educação Moral e Física, subdividida em Educação moral e civica e Educação física e pre-militar; Ensino Primario; Ensino Secundario; Ensino Superior; Ensino Técnico, subdividida em Ensino tecnico profissional, Ensino tecnico medio, ensino tecnico superior e Ensino artistico; Belas Artes, subdividida em Artes plasticas, museus e monumentos, Antiguidades, escavações e numismática, Musica, arte cenica e canto coral, e Literatura bibliotecas e arquivos; e Alta Cultura, subdividida em Investigação científica e Relações culturais.

Determina-se no art.º 55 do decreto que o Ministerio da Educação Nacional dê ás comemorações do Ano X da Revolução Portuguesa toda a colaboração necessaria, incluindo nela os seguintes actos:

Em 28 de Maio de 1936, os reitores das Universidades e dos liceus e os directores dos restantes estabelecimentos de ensino publico promoverão uma conferencia, para professores e alunos, que serão explicados, por forma adequada ao respectivo grau, os princípios essenciais do Estado Novo Corporativo e as suas mais importantes realizações a bem da Nação;

Em 14 de Agosto, tambem de 1936, comparecerá em Aljubarrota e no Mosteiro da Batalha uma delegação, tam numerosa quanto possivel, da M. P., para reviver a gloria dos que consolidaram a independencia da Patria;

Em 1 de Dezembro do mesmo ano, cada aluno das escolas primarias plantará á Arvore do Renascimento, como simbolo de Portugal Renovado;

No mesmo dia, será solenemente inaugurada a Academia Portuguesa da Historia;

Desde 28 de Maio de 1936 até 27 de Maio de 1937, será aposto em todas as obras entradas nas bibliotecas publicas e em todas as que sejam consultadas naquele periodo o *ex-libris* do ano X.

AGRESSÕES BARBARAS

a uma criança de 9 anos

Ha' dias, a Policia de Segurança Publica enviou ao director da P. I. C., sr. dr. Alves Monteiro, uma queixa referente a maus tratos infligidos a uma menor de 9 anos que estava a trabalhar como servical em casa de Amalia Peres Damião, nas escadinhas das Olarias, 8.

Encarregado o agente José Augusto de proceder ás respectivas investigações, começou este por ouvir a vítima, Lucilla Macedo Pimenta, que apresentava o corpo cheio de equimoses e de cicatrizes feitas por sua patrão. Enviada a criança ao Instituto de Medicina Legal, para o respectivo exame, os peritos verificaram que ela apresentava contusões varias, como: uma dentada no ombro direito, equimoses no braço e na cabeça, lesões antigas e cicatrizes na orelha direita, e bem assim ferimentos e contusões no pescoço, uma cicatriz feita com lamina quente, na região frontal do lado esquerdo e na orelha esquerda, equimoses num joelho e nas pernas.

Os medicos peritos arbitraram á pobre criança 25 dias de impossibilidade para o trabalho.

A mãe da martir está ha seis meses internada no hospital, com uma doença considerada grave e tem mais três filhos, o mais velho dos quais de 11 anos.

Ouvida pelo agente Antonio Augusto a autora das agressões, declarou que não se lembrava de ter mordido a criança e confessou as outras brutalidades, inclusive a de lhe ter passado pelo pescoço e pelas costas uma faca quasi ao rubro. Acrescentou que fizera tudo isso para a pequena ter a sensação do calor e desculpa-se com a declaração de que é uma pessoa muito nervosa.

A pobre pequena nunca recebeu um centavo de paga, pois estava a servir em casa da feroz patrão a titulo de esmola.

O processo vai ser enviado amanhã á Boa Hora.

A GRAVE

Malogrou-se a tentativa

em virtude da

Madariaga e Avenol procuraram

levar os etiope a reconsiderar

(Serviço especial para o «Diário de Lisboa»)

GENEVA, 17. — Ao meio dia a situação diplomatica, no que se refere ao conflito italo-aberim, era a seguinte: Madariaga e Avenol, ás 11 horas, em conformidade com a decisão ontem tomada pela «Comissão dos Trêze», tentaram levar a delegação etiope a ponderar, novamente, sobre a recusa categorica das propostas italianas. Desta diligencia ignoram-se, por enquanto, os resultados.

No caso da Etiopia manter a recusa, terá, naturalmente, que se considerar a conciliação impossivel. Neste caso, não se sabe o que fará a Comissão dos Trêze. Nestas duas questões reside o principal interesse da jornada diplomatica de hoje.

Desde já se pode afirmar que existe na Comissão uma maioria inclinada a considerar as propostas italianas, com a modificação ontem introduzida a favor da S. D. N., de molde a constituirem base para a discussão do assunto.

Parece que, no caso do governo etiope não ceder e se manter intransigente, a Comissão dos Trêze prosterlará, se lhe fôsse possivel, a convocação dos Dezoito para depois das eleições francesas. Entretanto, para dar algumas satisfacões a parte da opinião, confitaria ás comissões de peritos a missão de examinarem os resultados das eleições segundo a documentação estatística coligida em Genebra até esta data. E' este o plano da maioria. — (H.).

A Etiopia mantem a sua atitude com firmeza

LONDRES, 17. — Informam de Genebra: Realizou-se esta manhã uma importante conferencia entre o delegado etiope, Wolde Mriam, e Madariaga, presidente da «Comissão dos 13», reunião a que assistiu o secretario geral da S. D. N., Joseph Avenol. O representante da Abissinia foi informado dos leves alterações conseguidas nas propostas italianas. O ministro da Etiopia não deu uma resposta definitiva, mas, tal como ontem, mostrou-se aboslutamente renitente a aceitar negociações directas com a Italia, fóra do quadro de Genebra. O delegado francês Paul Boncour avistou-se esta manhã com o barão de Aloisi, visitando depois Anthony Eden, ministro dos Negocios Estrangeiros da Grã-Bretanha.

A Comissão dos Trêze Peritos, nomeada pela «Comissão dos 13», iniciou esta manhã o estudo dos documentos que lhe foram submetidos acerca do emprego de gases asfixiantes pelos italianos. — (Havas).

Se as tentativas de conciliação falharem...

LONDRES, 17. — Espera-se que a Comissão dos 13, que se reúne esta tarde, ás 16 horas, decida se haverá ou não probabilidades de solucionar o conflito italo-etiope. Se esta tentativa de conciliação falhar, a Comissão dos 18 deverá ser convocada. — (H.).

A Imprensa britânica insiste pelo agravamento das sanções

LONDRES, 17. — «E' preciso que se não deixe Mussolini impôr a paz a um povo vencido e suplicante» — escreve o «Daily Herald» de hoje, reclamando o reforço de sanções. Este jornal propõe o corte absoluto de relações economicas e financeiras com os Estados agressores.

O «News Chronicle», por seu turno, preconisa a aplicação de «sanções ainda mais severas».

Barbosa & Costa L. da

Apresentam a maior novidade em MAPLES a preços convidativos

Largo R. Bordalo Pinheiro, 7 a 11
Telefone 23562

TIVOLI: MARIA BASCHKRITZEFF
num filme que ganhou o 1.º premio de Viena

DIARIO DUMA APAIXONADA

A seguir: Gitta Alpar na célebre opereta: MADAME DUBARRY

Vestidos - Cas

Da maxima elegancia

«Première» co

Preços de c

LUTE

ROSSIO, 11 (esquina

SITUAÇÃO INTERNACIONAL

de conciliação entre a Itália e a Etiópia
recusa formal do governo abexim

(Serviço especial para o «Diário de Lisboa»)

GENEVBRA, 17.—Eden recebeu esta manhã, a visita do dr. Augusto de Vasconcelos. Tenta-se neste momento um esforço sobrehumano para evitar que a reunião dos Treze, de hoje, seja a última e se torne definitivo o malogro da conciliação.

A delegação etíope reservou a sua resposta, que fará por escrito. Ouviu atentamente as razões expostas por Madariaga, que lhe foi pedir para reconsiderar.

Com o fim da conciliação poder prosseguir realizaram-se a diligência de Madariaga e Avenol, junto da delegação etíope e a de Paulo Boncour junto da delegação italiana—já noticiadas. Destas duas diligências aguarda-se o resultado. Entretanto a sessão dos Treze continua marcada para as 16 horas. Boncour insistiu com Aloisi para que Roma se mostrasse generosa e conciliadora; um armistício de alguns dias ganharia para a Itália o reconhecimento geral. Madariaga, por seu turno, junto da delegação etíope, pôs em foco a necessidade de se corresponder a concessão feita ontem pela Itália.

Convém notar, por outro lado, a conversação cordial e franca que Paul Boncour teve com Eden. Os meios oficiais franceses prestam homenagem aos esforços tentados por Eden junto da delegação francesa para conseguir uma aproximação de pontos de vista entre a França e a Gran Bretanha, acerca do conflito italo-etíope. Nestas condições, parece que se conseguirá um entendimento entre as duas delegações e tudo leva a crer que no caso de se malogrem os esforços de conciliação, esta tarde ou amanhã, o facto não terá as consequências que se previam.—(Havas).

Paul Boncour sugeriu ao representante da Itália um armistício imediato

GENEVBRA, 17.—Na conferência que se realizou esta manhã entre o barão de Aloisi e Paul Boncour, este sugeriu que o governo italiano consentisse num armistício imediato e provisório, cujo efeito moral, nas actuais circunstâncias, seria considerável. Uma medida dessa índole teria com certeza grande influência no espírito da opinião pública francesa e permitiria sem dúvida alguma que as negociações e conversações se realizassem numa atmosfera propícia.

O barão de Aloisi, sem deixar de declarar que uma tal medida tinha poucas probabilidades de ser aceite pelo governo de Roma, prometeu transmiti-la a Mussolini.—(Havas).

A atitude intransigente da Etiópia

GENEVBRA, 17.—A Abissínia respondeu negativamente às propostas apresentadas para a solução do conflito italo-etíope.

Considera-se, por este motivo, completamente malograda a tentativa de conciliação entre os dois países em guerra.—(Havas).

Os jornais moderados propõem um novo termo, nas seguintes bases: conservar-se, o mais tempo possível, as sanções existentes; não deixar que a S. D. N. seja excluída das negociações. O «Manchester Guardian» repele as sanções extremas. Entende que não ha que aplicar sanções militares e que não se deve proclamar a falência da S. D. N. Também entende que as actuais sanções devem persistir. Na sua opinião o efeito combinado de sanções, chuvas e as exigências da política italiana na Europa, tornará possível chegar-se a um entendimento em que a S. D. N. defenda o seu bom nome.—(Havas).

A actividade de ontem em Genebra apreciada pelos jornais franceses

PARIS, 17.—Os jornais procuram dar uma impressão geral das negociações de ontem em Genebra. Bourguès, no «Petit Parisien», diz que «os contactos de ontem não foram maus, mas que se ignora o que se passará hoje. É preciso apressar-se a paz na África Oriental, para que a Itália retome os seus deveres na Europa. Seria uma loucura perderem-se agora em pormenores de método, quando a sombra ameaçadora de Hitler se projecta desmedidamente sobre os destinos europeus.

Pertinax, no «Echo de Paris», escreve: «Em Genebra ninguém tem ilusões. Entre o Pacto, interpretado da maneira mais elástica e as exigências da Itália, a antinomia é absurda. Maniobrar-se-á, porém, na próxima sessão. O governo francês não pode senão persistir no seu ponto de vista, determinado pelo perigo alemão. Não se cansará de repetir que este deve servir para um segundo plano a infracção cometida pela Itália.

Saint Brice, no «Journal», diz: «Se o dia de ontem em Genebra terminou com esperança, embora muito fragil,

deve reconhecer-se que em boa parte se deve à delegação francesa, mas sobretudo aos italianos, que deram prova duma admirável prudência. Resta saber se poderá contar-se com identico esforço da parte dos etíopes.

O «Matin» diz que «em Genebra reinava ontem um certo optimismo». O mesmo jornal afirma que a «Itália obterá uma legítima satisfação e que dentro de quinze dias verá clarificar-se a situação internacional, actualmente muito confusa».

Bastid, presidente da comissão dos Estrangeiros da Câmara dos Deputados, escreve, na «Ere Nouvelle»: «Não se entrevê nenhuma saída. Na situação em que nos encontramos melhor será confessar-se esta especie de falência da organização internacional a prolongar-se indefinidamente uma resistência sem esperança. Não será, porém, fácil estabelecer-se a paz moral. O conflito italo-etíope é a origem do mal estar internacional, que se agrava cada vez mais».

No «Populaire», Leon Blum apresenta assim a situação sob o titulo de «Mussolini reclama o direito de «esforçar» livremente a Etiópia». O representante do Negus respondeu, porém, com uma nota muito digna. A Comissão dos Treze orienta-se no sentido de verificar a não conciliação.

«Pela primeira vez—escreve Tabouis na «Oeuvre»—as sanções parecem inclinar-se perante o «facto consumado». A França—prossegue—definirá mais amplamente a sua atitude quando, na segunda feira se reunir a Comissão dos Dezoito, atitude conforme com a decisão tomada por Sarraut, Paul Boncour e Flandin, na quarta feira passada: para evitar a necessidade de escolher entre a Itália e a Inglaterra, a França teria resolvido não secundar novas sanções, mas se a Inglaterra se resolver no sentido de medidas mais brutais, a França não se opo-

rá a isso logo no principio, mas desejaria conhecer as decisões definitivas da Gran Bretanha sobre as responsabilidades que ela assumiria na Europa central e oriental, nomeadamente com respeito à Checo-eslováquia, Austria e Romenia, entendendo-se que a Inglaterra teria previamente respondido à nota confidencial que Flandin entregou a Eden por ocasião da ultima reunião dos locarnianos. Ora até agora ao Quai d'Orsay ainda não chegou qualquer resposta nem qualquer indicação a esse respeito».—(Havas).

As relações germano-polacas

VARSOVIA, 17.—O correspondente em Berlim do «Illustrowany Kurjer» diz constar-lhe que von Neurath entregou ao embaixador da Polónia um memorando tendente a assegurar à Polónia que seria tratada no mesmo pé de igualdade que as potencias occidentais, isto é, que a duração do pacto germano-polaco concluído por 10 anos, seria elevado a 25 anos se a Alemanha concluisse pactos de não-agressão a oeste, validos por esse espaço de tempo.—(Havas).

Um protesto de jornalistas que fazem serviço na S. D. N.

(Serviço especial para o «Diário de Lisboa»)

GENEVBRA, 17.—A Comissão da Associação dos Jornalistas acreditados junto da S. D. N. publicou uma declaração em que condena a transferencia das deliberações da Comissão dos Treze para o novo palacio da S. D. N., visto as instalações de imprensa estarem ainda, ali, por acabar. A Comissão declara que tal transferencia só tem por fim impedir o trabalho dos jornalistas e deixar consequentemente a opinião publica na ignorancia de deliberações diplomaticas da maior importancia. Chama a atenção dos representantes das nações para «a frequência com que se produzem actos desta natureza, de molde a afectarem as boas relações entre a Imprensa nacional e a S. D. N.».—(Havas).

O ministro das Obras Publicas

visitou Santarem e a Golegã

TORRES NOVAS, 17.—(Pelo telefone).—Acaba de sair desta villa, com destino à Golegã, o sr. ministro das Obras Publicas e Comunicações, acompanhado pelos seus secretarios e pelos srs. capitão Baptista, comandante da Policia de Santarem, tenente Basilio, delegado do sr. governador civil, e dr. Carlos Faguiha, delegado do Instituto Nacional de Trabalho e Previdência.

O sr. major Joaquim Abranches foi recebido nos Paços do Concelho, pelo sr. dr. Carlos de Azevedo Mendes, presidente da Câmara Municipal, que lhe entregou um memorial, contendo as aspirações locais, que o sr. ministro prometeu estudar e atender na medida do possivel.

Um motociclista em estado grave

por ter chocado com uma camioneta

SETUBAL, 17.—(Pelo telefone).—Hoje, ás 9 e 30, quando o sr. Carlos Pires Falcão Portugal, de 23 anos, filho do sr. dr. Luiz Portugal e Melo, professor da Escola Commercial e Industrial João Vaz, desta cidade, seguia de moto pela avenida Luiz Todt, em frente da agencia do Banco de Portugal, foi chocar violentamente com uma camioneta que surgiu dura rua transversal.

O sr. Carlos Portugal ficou gravemente ferido, tendo sido internado no Hospital da Misericórdia.

A camioneta tem o n.º 31.388, e pertence a um negociante de peixe desta cidade, sendo guiada por João José Rocha.

DE LUTO

D. Adelina Pais da Costa

Faleceu hoje a sr. D. Adelina Pais da Costa, de 56 anos, viúva, filha da sr.ª D. Rufina Pais, mãe da sr.ª D. Ema Pais da Costa e dos srs. Luiz Felipe da Costa, empregado nos jornais «A Voz» e «O Seculo» e Eugénio Pais da Costa, também empregado de «O Seculo», e sogra da sr.ª D. Isaura Mota da Costa.

O funeral realiza-se amanhã ás 15 horas.

AS OPERAÇÕES NA ETIOPIA

Dois aviões italianos

voaram sobre Addis-Abeba

lançando foguetes e manifestos

ADDIS-ABEBA, 17.—Dois aviões de bombardeamento italianos sobrevoaram esta manhã a capital etíope, sobre a qual lançaram numerosos foguetes, com as cores da bandeira italiana, e milhares de manifestos, regressando depois ás suas bases sem lançarem bombas.

Alguns dos aparelhos voaram a menos de mil metros de altura, o que provocou um enorme panico nos indígenas que se encontravam na cidade, os quais se refugiaram debaixo de grandes camadas de folhas de eucalipto.

Este «raid» dos aviões italianos causou grande surpresa em toda a cidade por ter sido realizado depois de uma noite de grandes chuvas como foi a de ontem.—(United Press).

O Negus deve a derrota á traição dos Galas

(Serviço especial para o «Diário de Lisboa»)

LONDRES, 17.—Do Cairo informam ao «Times» que o exercito do Negus da frente Norte bate em plena retirada e pouca esperança ha de que os seus diversos elementos consigam reunir-se. Essa reunião só seria possivel se as chuvas impedissem os ataques da aviação italiana.

A principal causa da derrota do Negus—diz a reeifrida informação—foi a traição dos Galas, de ha muito trabalhados pela propaganda italiana. Os Galas abandonaram, sem combate, Amba-Alagi e obrigaram o Negus a tentar deter os italianos numa posição desfavoravel perto do lago Achenggi. Finalmente—acrescenta o correspondente do «Times»—o uso intenso de gases transformou a derrota numa debandada. Os aviões italianos encheram de «gás mostarda» todos os pontos favoraveis a uma guerra de guerrilha. Parece, todavia, que os gases não causaram muitas mortes. Contudo, o efeito moral foi, simplesmente, formidavel.—(Havas).

Mais tropas italianas para a Africa

(Serviço especial para o «Diário de Lisboa»)

NAPOLIS, 17.—Partiram ontem para a Africa 89 oficiais e 2.505 soldados de artilharia, que foram muito aclamados pela assistencia, entre a qual se via o principe de Piemonte. Com o mesmo destino partiram dois barcos com mullas e material de guerra.—(Havas).

Os que regressam da guerra

CAIRO, 17.—Chegou esta madrugada a Port-Saïr, vindo de Massauá, um vapor italiano, com dois mil homens a bordo.—(Havas).

A posse do 2.º comandante da P. S. P.

A posse do 2.º comandante da P. S. P. sr. major Miguel Bacelar, que se realizou hoje na secretaria daquela Provincia, no ministerio do Interior, teve extraordinaria concorrencia de officiaes, quasi todos do regimento de sapadores, funcionarios dos Correios e Telegrafos, amigos pessoais, etc.

O auto da posse foi lido pelo secretario-geral do ministerio, após o que o 1.º comandante, sr. tenente-coronel Martins Camêra fez o elogio das qualidades do empossado, o qual agradeceu afirmando que tudo fará pela Nação.

O auto foi assinado por varios dos presentes e em primeiro lugar pelo sr. capitão Agostinho Lourenço, comandante da P. V. D. S.

Conferencia radiofonica

O escritor e nosso distincto colaborador sr. F. Alves de Azevedo realiza hoje, ao microfone da Emissora Nacional, uma conferencia sobre Elisabeth Barret Browning, autora dos «Sonets from the portuguese».

acos - Blusas

a - Do melhor corte

mpetentissima

ncorrencia

CIA

da Rua do Ouro)

São Luiz: O melhor e mais alegre dos espectaculos!

A ALEGRE DIVORCIADA

com os prodigiosos bailarinos

FRED ASTAIRE e GINGER ROGERS

RETIRO DA SEVERA

R. Antonio Maria Cardoso, 5

Telef. 23071

Alcidia Rodrigues
Filipe Pinto

Solos de viola por Alfredo Costa

ENTRADA FRANCA

NOTÍCIAS DO TOREL

CRIME SELVAGEM—Os agentes Alves Baptista e Seixas entregaram hoje aos seus superiores um relatório acerca das investigações que foram proceder em S. Tiago de Cacem referentes a um crime de morte de que foi vítima a menor de dez anos Edeme Candelas, que residia com os seus tios no sítio da Fonte Ferranha.

Os agentes descobriram terem sido Alice Constança e Joaquim Gregório, seu amante, os autores do bárbaro assassinio.

Os dois criminosos vivem de esmolar, explorando dessa maneira varias terras do país, e entregando-se ao mesmo tempo a toda a casta de roubos.

O crime foi motivado por um furto de laranjas praticado pelos assassinos aos tios da vítima.

Edeme Candelas foi morta á sacolada na cabeça e lançada em seguida para dentro duma fossa, onde foi encontrado depois o seu cadáver.

Os criminosos, submetidos a um habil interrogatório, confessaram o crime, relatando os mais pequenos pormenores. Encontram-se agora presos na cadeia da comarca.

O administrador do concelho, em officio dirigido ao director da P. I. C., elogiou e louvou o trabalho dos agentes encarregados da investigação.

FILHO DESAPARECIDO—No dia 11 do corrente desapareceu da casa de seu pai, o sr. José dos Santos, morador no largo de Santa Cruz, 1.º, o sr. Antonio dos Santos, de 25 anos.

O pai apresentou queixa á Policia, suspeiando que o seu filho fosse vítima de qualquer fatalidade.

A PROCURA DUM CRIMINOSO—O agente Cruz procura descobrir o paradeiro de Henrique Antonio dos Santos, ex-despachante das Alfândegas, que se encontra pronunciação no Tribunal de Almada, onde já respondeu á revelia, por varios delictos.

VARIAS QUEIXAS—O sr. Manuel Joaquim Mendes, morador na Venda Nova (Benfica), apresentou queixa á Policia contra um individuo que accusa de lhe ter furtado dinheiro, objectos e roupas, num valor superior a 30 contos. O objecto do roubo fazia parte dum espólio deixado pela tia do queixoso D. Maria de Sá, que faleceu no passado dia 14 de março.

O sr. José da Silva, residente no Sabugal, queixou-se á Policia contra um individuo que reside em Lisboa, a quem accusa de ter confiado certa quantidade de batatas no valor de 2 contos, importância que esse individuo gastou em seu proveito.

TRIBUNAIS

Julgamento adiado

Estava marcado para hoje, no 8.º Juizo do Tribunal da Boa Hora o julgamento do funcionario publico Ernesto Galo, acusado de, em abril do ultimo ano, ter assassinado a tiros de pistola, na rua 1.º de Dezembro, um seu colega chamado Pedro Alves.

O tribunal constituiu-se sob a presidencia do juiz sr. dr. Pereira do Vale, que tinha como adjuntos os srs. drs. Cunha Mota e Joaquim Baptista, juizes tambem.

Feita a chamada das testemunhas, em numero de 40, verificou-se que faltavam o agente Robalo, das de accusação, e José Baccelar, Francisco Ventura, José da Gama e Patrocínio dos Santos, dos de defesa.

O delegado do Ministerio Publico sr. dr. Joaquim Abranches, requereu, de harmonia com a lei, que o julgamento fosse adiado por falta de testemunhas. Concordeu com o requerimento o sr. dr. Duarte Viveiros, advogado da parte accusadora, e discordou o sr. dr. Silverio Lebre, advogado do reu, que declarou prescindir de todas as testemunhas de defesa que faltavam, para que o julgamento se fizesse.

O tribunal, porém, depois de reunido em conferencia, decidiu-se pelo adiamento, marcando o dia 19 de maio para julgamento da causa.

No patio da Boa Hora e na sala de audiencia juntou-se grande numero de pessoas entre as quais se viam muitos funcionarios publicos, militares e muitas senhoras.

VIDA ARTISTICA

Pintor Magalhães Filho

Na galeria Up, da rua Serpa Pinto, inaugura amanhã a sua exposição individual o moço artista Magalhães Filho, que tambem enviou trabalhos para o «Salon», deste ano, da Sociedade de Belas Artes, e em breve realizara outra exposição. O nosso meio artistico e cultural aguarda com justificado interesse mais esta prova do talento e probo labor do novo artista.

Adido militar italiano

O adido militar á Legação de Italia vai ser substituido pelo tenente-coronel sr. Lanlio Gabrielli.

MUSICA

Concerto de órgão

E' já amanhã á noite que se realiza no salão do Conservatorio Nacional de Musica, o primeiro concerto publico do notavel professor de órgão do nosso Conservatorio, sr. Rosa de Carvalho, laureado com a maior classificação da Real Academia de Bolonha, Italia.

No programa, que foi organizado com verdadeiro criterio artistico, figuram entre outras obras, «Corais», elaborado por compositores antigos e modernos, vivo contraste entre outras produções que o insigne organizador apresenta no seu belo programa.

Os bilhetes para este sensacional concerto estão á venda nas casas de musica Sasseti, Valentim de Carvalho e Olavo Cruz.

Grande Orquestra Sinfonica

Organizado pela Associação Academica do Instituto Superior de Ciencias Economicas e Financeiras, realiza-se no dia 27 do corrente, pelas 22 horas, um concerto executado pela Grande Orquestra Sinfonica da Emissora Nacional, composta de 8 professores, sob a regencia do maestro sr. Pedro de Freitas Branco.

O concerto será precedido duma conferencia pelo professor sr. Luiz de Freitas Branco, subordinada ao titulo «A Musica e a Economia». Este programa será radiodifundido.

Os bilhetes, cuja distribuição é gratuita, podem ser requisitados na sede da Associação Academica, rua do Quelhas n.º 6-A.

Academia de Amadores de Musica

E' na proxima, segunda-feira, 20, que se realiza na Academia de Amadores de Musica o concerto comemorativo do 52.º anniversario, no qual tomam parte a distinta cantora sr.ª D. Ans Bierman, a aplaudida pianista sr.ª D. Gilberta Gouveia e a orquestra da Academia, sob a direcção do maestro Pedro Blanch, que executará parte da ode sinfonica Vasco da Gama, de Bizet, sendo os solos cantados pelas sr.ªs D. Maria Luiza Gavino, D. Maria da Graça Nascimento e os srs. Amaro Pinheiro e Raul Santos.

Um rico espectáculo hoje, no COLISEU
que se não pode nem deve perder.
Duas sessões.

Não ha que hesitar. Para se não perder o melhor espectáculo que se apresenta em Lisboa e a preços tão baratos que até competem com os do cinema, é preciso aproveitar esta noite, que é a ante-penultima em que ele se exhibe e ninguém tem a certeza de poder ir amanhã, ou depois, ao Coliseu.

Quem ainda não viu a Vanise interpretando o *Garoto*, pode crer que está a perder. E' a alegria, a vibração, o entusiasmo, o delirio! Todos os quadros e numeros novos de *O Fim do Mundo são, aliás*, soberbos e magnificos. E pode estar certo que se arrependerá mais tarde, quem não fôr ouvir, quanto antes, a grande artista que é Carmencita Aubert, visto que ela se demora entre nós apenas tres dias. Não hesitem, pois. Vão hoje mesmo ao Coliseu. Domingo é a ultima *matinée* e despedida, á noite, da campanha.

GRANDE EXITO DE LIVRARIA

“PIMPIM E NINETTE,”

de ALFREDO MACHARD

Curioso e bem urdido romance em que é apresentada, com grande numero de pormenores, a vida de um homem trabalhador e honesto para quem a familia ocupa sempre o primeiro lugar e que a fatalidade não se cansa de perseguir.

«PIMPIM E NINETTE» é um livro emocionante e terno, de uma profunda humanidade, onde as suas personagens são arrancadas á vida dos humildes. Em «PIMPIM E NINETTE» encontra-se, a par da sua acção cinematografica, muita emoção, ternura e humorismo.

«PIMPIM E NINETTE» é um dos romances do autor de «Mulher de uma noite» que maior exito obteve em França na presente epoca.

A França acaba de filmar «PIMPIM E NINETTE», filme que em breve tambem será projectado nos nossos cinemas.

1 volume com original capa ilustrada de Julio..... 8\$00

A' venda nas livrarias

Pedidos a Guimarães & C.ª, editores,
R. do Mundo, 68 — LISBOA

A SEMANA DA TUBERCULOSE

Um apelo aos nossos homens de letras

Podem contar-se ás dezenas os nossos homens de letras que morreram victimados pela terrivel tuberculose. E, dentre esses, os que maior gloria conquistaram pela sua obra—Antonio Nobre, Cesario Verde, José Duro, Julio Diniz, Arnaldo Gama, Gonçalves Crespo, Soares de Passos (e quantos mais?)—morreram.

Em homenagem á sua gloriosa memoria, —a exemplo do que se fez o ano passado e que tão grande exito obteve—a Comissão de Senhores de Caridade que promove as proximas comemorações da «Semana da Tuberculose», a realizar de 3 a 10 de maio proximo, lança um apelo a todos os escritores portugueses e seus editores para que concorram para a «Grande Feira do Rossio», enviando á A. N. T. alguns exemplares das suas obras valorizadas com a sua assinatura autografa, e data da oferta, a fim de serem vendidas numa barraca especial por algumas das nossas mais illustres poetisas, que a isso gentilmente se prestarem.

E' uma idéa interessante e delicada que todos os que no mundo das letras portuguesas têm um nome conhecido e apreciado não deixarão de tomar na devida conta, indo assim enriquecer estantes de desconhecidos bibliofilos e coleccionadores e prestando ao mesmo tempo um valioso serviço á obra benemerita da A. N. T., em que da melhor vontade podem cooperar os seus respectivos editores.

Como acima dizemos, os livros oferecidos devem ser remetidos com a maior urgencia á sede central da A. N. T., na praça da Ribeira Nova, que irá tornando publico, por intermedio da Imprensa, sua tão prestimosa e dedicada auxilliar, os titulos das obras ofertadas e nomes dos seus illustres autores.

O sorteio da Casa da Imprensa

Foi hoje assinado, na Casa da Imprensa o auto de entrega do 3.º premio do Sorteio de Beneficencia que por aquela mutualidade dos jornalistas de capital foi realizada em harmonia com a extracção de 11 do corrente da Lotaria da Misericordia.

O aludido premio—uma secretaria maquina de costura «Mundlos» Universal—coube á sr.ª D. Amelia de Magalhães, residente na Estrada de Benfica, 638, 2.º Dt.º.

O possuidor do bilhete ao qual coube o 1.º premio—um automovel «Chrysler»—apareceu no dia da extracção da lotaria na sede daquela agremiação. Depois de provar que fôr contemplado com a referida sorte grande, não quiz declinar a sua identidade, retirando-se apressadamente. Até agora, não se apresentou a tomar posse do premio.

Do feliz bilhete foi portador o nosso colega de Imprensa Vasconcelos e Sá desde 21 de fevereiro a 8 de abril, não logrando vendê-lo na passagem que do sorteio da Casa da Imprensa efectuou entre as pessoas das suas relações. Naquella ultima data devolveu-o á Casa da Imprensa que, então, o forneceu aos vendedores publicos do sorteio postados junto do referido automovel, no largo D. João da Caprara.

CORTE VIENENSE

M.ªe Barreto diplomada no estrangeiro ensina a cortar e armar vestidos em 15 lições. R. da Graça, 56-3.º D.

CARTAZ

TEATROS

Trindade—A's 21 e 45—«A noite me casé com usted, doctor».

Avenida—A's 21 e 30—«Volta ao mundo».

Apolo—A's 20 e 45 e 22 e 45—A revista «Ha Festa na Mouraria».

Variedades—A's 20 e 30 e 23—«O João Ninguém».

Coliseu dos Recreios—A's 20 e 30 e 22 e 45—«O Fim do Mundo».

CINEMAS

São Luiz—A's 21 e 30.

Tivoli—A's 21 e 30.

Politeama—A's 21 e 15.

Central—A's 21 e 30.

Odéon—A's 21 e 15.

Condes—A's 21 e 15.

Paris—A's 20 e 45.

Olimpia—Das 14 e 30 ás 0.

Capitolio—A's 21.

Palacio—A's 21 e 30.

Chiado Terrasse—A's 21 e 15.

Jardim Cinema—A's 21 e 15.

Royal-Cine—A's 21 e 30.

Belem Jardim—A's 21.

Comboio de excursão a Guimarães, no domingo, 19, por ocasião da romagem patriótica ao berço da nacionalidade, com carruagens para Porto, organizado pela C. P.

A. C. P., de acôrdo com a Companhia do Norte de Portugal, organiza no proximo domingo, 19, um comboio de excursão de Lisboa a Guimarães, o qual partirá de Lisboa ás 7 e 30, chegando na volta a Lisboa na manhã do dia 20. Ver horario no cartaz.

Preço 57\$00 em 3.ª classe e 83\$50 em 2.ª. Marcação 2\$50.

Se houver inscrições suficientes, serão atreladas carruagens especiais para Porto ao preço de 50\$00 em 3.ª e 70\$00 em 2.ª.

Os bilhetes são tambem validos para embarcar e desembarcar em Olivais, Sacavem, Alhandra, V. Franca, Gaia e Campanhã.

Inscrição nas informações da estação do Rossio.

A's pessoas da provincia que queiram bilhetes para este comboio é concedida a redução de 45 por cento na viagem para Lisboa e volta, devendo dirigir-se ao *Serviço de Turismo*, estação do Rossio, 1.º andar. Telefone 2 4146.

Clinica da Trindade

Com o conforto dos bons consultorios particulares, consultas e tratamentos de todas as especialidades por preços modicos especialmente destinados ás classes medias dos empregados e suas familias.

R. da Trindade, 12, 1.º (ao largo do Carmo). Tel. 2 4124. Chamadas de noite pelo telefone 1.º 277.

SIFILIS

Doenças de pele, doenças nervosas, Arthritismo.

Resultados surpreendentes quando falhados os meios usuais de cura.

Tratamento especial pelos agentes fisicos.

Consultorio Fisioterapico, direcção clinica dos medicos Dr. Carmo Santos, Dr. Salazar Carreira.

Travessa do Cidadão João Gonçalves, 20, 2.º (ao Intendente)

TELEFONE 4 3807

AUTOMOVEIS SEM CHAUFFEUR

Alugam-se. R. Andrade Corvo, 6



Maria da Graça Ribeiro Cabral de Azevedo

FALECEU

José Antonio de Azevedo (Filho) e filha, Palmira Alves Cabral, José Antonio de Azevedo, sua mulher e filhos, Raul Cabral, Maria Amelia Cabral Caldeira, seu marido e filhos, e mais familia participam o falecimento da sua querida mulher, mãe, filha, nora, irmã, cunhada, tia e prima, cujo funeral se realiza amanhã, sábado, ás 12 horas, da Avenida João Crisóstomo, 117, 1.º, para Torres Vedras, onde na Igreja da Graça, se organizará o cortejo fúnebre, pelas 15 horas.

TODO O MUNDO

Vende gravatas, mas as da CASA DAS GRAVATAS são as preferidas pelas pessoas de bom gosto.

121, RUA DO OURO, 121

BOLSA DE LISBOA

VALORES	Aberto	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 4 24 1934	1.143,00	1.143,00	1.145,00
Consolidado 5 12 010 1933	1.035,00	1.035,00	1.036,00
4 12 010 1933	1.010,00	1.010,00	1.012,00
4 12 010 1933	1.010,00	1.010,00	1.012,00
Ext. 3 010 1.ª Ser.	1.650,00	1.615,00	1.616,00
3 010 2.ª	1.650,00	1.615,00	1.617,00
3 010 3.ª	1.650,00	1.615,00	1.617,00
Emp. 4 12 010 1912 ouro	505,00	508,00	508,00
6 12 010 1930 Cons.	505,00	508,00	508,00
Ações			
BANCO			
Comerc. de Lisboa, port.	—	418,00	450,00
Lisboa & Açores, port.	—	383,00	390,00
Portugal, portador	—	1.130,00	1.130,00
Espírito Santo	—	—	—
C. DE SEGUROS			
Bonança	—	—	—
Fidelidade	—	15,50	—
Mundial	—	20,00	21,00
Nacional	—	—	—
Seguros	—	08,00	—
Tagus	—	90,00	—
C. DE DIVERSAS			
C. P. ordinária	—	20,00	—
privilegiada	—	22,00	—
Agua de Lisboa, port.	—	315,00	—
Cerveja Estrela	—	293,00	—
Cimentos de Leiria	—	58,00	600,00
Credito Predial	—	21,00	23,00
Gaz e Electricidade	—	38,00	329,00
Portugal e Colonias	—	66,00	66,00
Navegação	—	74,00	75,00
Portuguesa de Pesca	—	—	—
de Tabacos	—	41,00	41,00
Tabacos de Portugal	—	372,00	376,00
Tabacaria	—	5,00	—
União Electrica Portug.	—	—	237,00
COLONIAS			
Açúcar de Angola	—	370,00	371,00
Busi - 1.ª emissão	—	35,00	35,00
— 2.ª	—	31,00	35,00
Mha do Principe	—	229,00	229,00
Obrigações			
C. P. 6 010	—	370,00	378,00
Predial 6 010 - 1933	—	111,00	112,00
7 010	—	111,00	112,00
União Elect. Port. 7 112	—	111,00	112,00
Just. 9 010	—	105,00	106,00
6 12 010	—	105,00	106,00

Henrique de Barros Come

Correio oficial da Bolsa de Lisboa
Telef. 2 5482 Rua S. Julião 6

CAMBIO

País	Comprado	Vendido
Londres	118,00	118,20
Paris	416,7	417,0
Madrid	330,2	330,7
New-York	22,23	22,29
Zurich	78,6	78,8
Roma	187,6	187,9
Bruxelas	87,6	87,7
Amsterdão	153,9	153,7
Berlim	89,5	89,7
Praga	89,2	89,2
Rio de Janeiro	142,0	142,4
Libra ouro	—	—

O grande sucesso do romance admirável

«DONA SEM DONO»

Do Magazine "Civilização", de Março

«Com mais um admirável romance engrandecido a literatura actual não carecia de bons escritores», o ilustre crítico Dr. Samuel Maia. Admirável, sim tanto pela forma literária como pelo entredo.

«Aquele, sempre típica, viva, mui clara e portuguesa de boa lei, já o consagrara como um dos primeiros cultores da prosa nacional, a par de Aquilino e Ricardo Jorge. O primeiro da linguagem é revelado por uma ironia amável e por leve filosofia crítica, as quais proporcionam a literatura sugestiva e encantadora. No entredo, urdo, como de costume, com intentos de lição moral e social revela-se um notável conhecedor de almas, um psicólogo seguro e inteligente. A mão de mestre que soube fixar o carácter do Braz Cadunha e do padre Serafim Tantôque (no São Forte, com igual vigor traça o de Maluça (na Dona sem Dono). Samuel Maia não se distingue só como prosador do melhor timbre, mas também, como ottimo romancista, como anatomista de almas vive com as figuras dos seus livros. Não é um estatístico ou um alitante literário. Nos seus romances, ha vida, naturalidade, verdade. Estas virtudes são raras na literatura dos nossos dias».

1 vol. de 320 pags. com uma sugestiva capa a cores, broc. Esc. 12800. pelo correio, a cobrança. Esc. 13850. A venda em todas as livrarias. Pedidos a Livraria Bertrand, R. Garrett, 73. - Lisboa.

ESTRANGEIRO

NO EXTREMO ORIENTE

A expansão japonesa para o sul

(Serviço especial para o «Diário de Lisboa»)

TOQUIO, 17. — O «Yomiuri» anuncia que o governo vai unificar a administração da Formosa com as ilhas sob mandato, colocando na chefia dos serviços unificados, as autoridades navais.

Considera-se esta providencia como fazendo parte da execução do novo programa da expansão japonesa para o Sul, que tem sido, instantaneamente, recomendado pelas esferas navais. — (Havas).

O pacto russo-mongol

MOSCOVO, 17. — A resposta da U. R. S. S. ao protesto da China contra o pacto russo-mongol será bastante curta e firme. Nessa resposta o governo manterá o ponto de vista já exposto em 3 de abril. — (Havas).

O avanço dos comunistas na região de Shan-Si

PEQUIM, 17. — Segundo notícias telegraficas aqui recebidas de Shan-Si, sabe-se que as hostes comunistas, que se apoderaram já de grande parte daquela provincia, prenderam quatro missionarios suíços e exigem por eles um elevado resgate. — (United Press).

A FRANÇA TOMA PRECAUÇÕES

militares na Siria

(Serviço especial para o «Diário de Lisboa»)

PARIS, 17. — O «Petit Parisien» publica uma noticia do Cairo em que se informa que partiram da Alexandria, a bordo do «Mariette», com destino a Siria, importantes reforços militares, provenientes de Toulon. Esses reforços, segundo a mesma noticia, compoem um batalhão de atiradores cenezaes, em pé de guerra, duas seções de metralhadoras e duas seções de morteiros. Amanhã, as tropas chegarão a Beirut, onde lhes será dado destino definitivo. — (Havas).

O VAPOR «RAMPURA»

conseguiu desenganhar

LONDRES, 17. — O vapor da P. & O., «Rampura» que encalhou á entrada do porto de Gibraltar, na passada terça-feira, conseguiu safar-se esta manhã com o auxilio dos dois poderosos rebocadores do Almirantado. O vapor tinha sido já aliviado duma parte da sua carga. Os tesouros de arte chinesa que estiveram na exposicao de Londres encontraram-se a bordo em lugar seguro. — (Havas).

O vôo Inglaterra-Australia

LONDRES, 17. — O avião C. J. Melrose, que está a realizar neste momento a ligação aerea com a Australia, partiu esta manhã de Calcutta para Rangoon. — (Havas).

As experiencias do «Queen Mary»

LONDRES, 17. — O transatlântico «Queen Mary» continua a realizar as experiencias de velocidade em 48 horas seguidas e deve fundear esta tarde em Gourock. — (Havas).

DESORDENS NA JUGOESLAVIA

Seis rapazes massacrados pela multidão

BELGRADO, 17. — Produziram-se ontem graves desordens em Kerestins, perto de Zagreb. Uma multidão composta por varias centenas de camponeses croatas massacraram seis jovens tomados por membros duma organização de voluntarios nacionais, considerados responsáveis pelo recente assassinio dum antigo deputado croata Katlo Berhtatchich. Segundo um comunicado publicado hoje, as seis vítimas eram afinal membros da «Juventude União-Radical Jugoeslavica». — (Havas).

GREVE MARITIMA

em S. Francisco da California

S. FRANCISCO DA CALIFORNIA, 17. — Os disturbios dos trabalhadores do porto que se encontram em greve converteram os cais desta cidade em locais inteiramente desertos.

Quatro empresas de navegação deram já ordem aos seus navios para que não toquem no porto de S. Francisco.

Os chefes grevistas ameaçam arrastar para a greve todos os seus colegas dos restantes portos, se as suas reclamações não forem prontamente atendidas. — (United Press).

O comunismo no Brasil

SANTOS, 17. — A Policia prendeu a bordo de um navio o alemão Frederico Berner, alegando que é membro de uma organização comunista sul-americana e que se dirigia ao Rio de Janeiro com o intuito de conseguir a libertação de Luiz Carlos Prestes e de outros chefes do movimento revolucionario comunista que em novembro do ano findo foi julgado pelas autoridades brasileiras. — (United Press).

Greve dos padeiros no Mexico

MEXICO, 17. — Mais de um milhão de habitantes, incluindo algumas centenas de estrangeiros, ficou hoje privada de pão em consequencia da inesperada greve geral declarada pelos padeiros, os quais se negam a retomar o trabalho enquanto não for atendida a sua reclamação de aumento de salario. — (United Press).

OS TEMPOS MUDAM...

Se V. Ex. frequenta restaurantes, não hesite; preferindo Café Restaurant Suíço e «Regina» terá sempre a certeza de ser bem servido, e por módicos preços Almoços, Jantares e por Lista Serviço especial para banquetes em salas independentes. Telefones: 2 2039 e 2 7817

DINHEIRO

sobre Automoveis

Empresta em condições vantajosas. Aires Seabra, Rua Conde Redondo, 89-A Casa fundada em 1921. Telefone 4 5359.

COMPANHIA DE MOÇAMBIQUE

Território de Manica e Sofala - Africa Oriental Portuguesa

Capital - BEIRA

Extensão: 13.482.200 hectares

Uma das regiões do continente africano mais férteis sob o ponto de vista agrícola e ricas sob o ponto de vista mineiro. O porto da Beira é servido por magnificas vias ferreas que ligam com a Rodésia e com o Nyassaland.

Para informações

EM LISBOA: Largo da Biblioteca, 10

Sede da Companhia

N.º BEIRA: Secretária Geral

do Governo do Território

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES

Monitor da clinica de Necker - Paris

RINS e vias urinarias - Venerologia e sífilis. - T. N. de S. Domingos, 9, 1.º as 15 horas - Telefone 2 9062

Dr. Armando Narciso

Clinica medica

PRACA RESTAUROADORES, 48, 1.º

Telef. 2 1738

Córie, Chapéus

M. Costa, habilitada em PARIS

Cursos completos. Lições soltas.

R. Guiné 2-3.º Dt.º

Tel. 4 4 9

UM TUNEL SOB O TAMISA

LONDRES, 17. — A idea de se construir um tunel sob o Tamisa entrou num campo pratico. As autoridades estudaram um projecto, que deverá começar a executar-se nas proximidades da estação de Charing House. Neste local devia construir-se uma ponte que já se não faz devido ás preocupações que merece a protecção de Londres contra ataques aereos. A ponte estaria sob constante ameaça. — (Americana).

A questão religiosa na Russia

MOSCOVO, 17. — Anuncia-se que a Policia Secreta Vermelha descobriu numa casa particular desta capital uma fabrica clandestina de velas de cera, que se destinavam a pessoas que professam o culto religioso. Os operarios que ali trabalhavam foram presos e condenados a penas severissimas. — (United Press).

Experimente Esta Nova Receita Para a Pele



Extraordinária experiência clinica feita com o extracto de Biocel proveniente de animais muito novos) foram executadas pelo Professor Dr. Steskal, da Faculdade de Medicina de Viena. Senhoras de 55 a 72 anos viram desaparecer completamente as suas rugas, no espaço de seis semanas. (Veja a descripção pormenorizada no Jornal Médico de Viena). Os músculos flácidos e enfraquecidos do rosto tornam-se frescos e rijos e os semblantes estragados são rejuvenescidos rapidamente. As senhoras de 50 anos podem agora parecer de 30 e obter rostos que poderão fazer inveja a muitas raparigas.

Fornecendo á sua pele este precioso extracto de Biocel que restitui a juventude, o Creme Tokalon, Alimento para a Pele, Cór Rosa, alimenta a durante o sono. Aplique-o á noite, antes de se deitar.

De manhã, empregue o Creme Tokalon, cor branca, (não gorduroso) — supprime os poros dilatados, os pontos negros e branqueia a pele, de três tons, em três dias.

A venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se á Agência Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende sem demora.

JOIAS GENERO ANTIGO

Grande sortido a preços muito baratos

Ourlvesaria Santos Catita, Ltd.ª

Rua Eugenio dos Santos, 44

Clinica do Dr. Ferreira Pires

Graduado de Filadelfia e do British Hospital Boca, dentes e maxilares-Operações

Clasas menos abastadas das 12 ás 14 h

Rua da Escola Politecnica, 77, 1.º

**COMPANHIA DAS FABRICAS
CERAMICA LUSITANIA**
Grandes fabricas de bons pro-
dutos ceramicos de
**MODOS OS GRANDES PARA
MODOS OS USOS**
Lisboa, Porto, Coimbra, Braga,
Setúbal, Faro, Portimão e etc.
A CERAMICA QUE HONRA O PAIS!

ULTIMAS NOTICIAS

HOTEL MIRAMAR
MONTE ESTORIL
Hotel Costa.—CINTRA

A SITUAÇÃO POLITICA EM ESPANHA

Foi declarada em Madrid a greve geral por tempo indeterminado

como protesto contra as manifestações de hostilidade á Republica

O governo resolveu dissolver todas as organizações de caracter fascista

(Continuação da 1.ª pagina)

repetir que as relações entre os povos, quanto a mim, devem basear-se em princípios culturais. Pelo que diz respeito á politica denominada «internacional», sabe muito bem que não é da competência dum embaixador fazer declarações a esse respeito, que só podem ser feitas pelo ministro dos Negocios Estrangeiros. Todavia, como sabe, a nossa politica externa é pacifista; a Republica não pode ter outras aspirações, e, como membro da S. D. N., conserva-se fiel, sem restrições, á doutrina de Genebra. Pelo que diz respeito ao futuro da Europa, sou também bastante optimista e não creio, apesar das nuvens que escurecem o horizonte europeu, que caminhemos para a guerra. Os povos têm necessidade de ordem, de trabalho, de tranquillidade e de instrução; não podem cometer uma loucura que significaria o fim da Europa e da cultura ocidental. Não quero crer que o oceano Atlantico seja algum dia, em relação á nossa época, o que o Mediterraneo é para o antigo Imperio Romano: o tumulto duma civilização adiantada e duma cultura florescente».

A nossa conversa derivou depois para outros assuntos de ordem geral e o jornalista passou a ser o entrevistado. O sr. Sanchez Gornoz interessou-se vivamente por todos os assuntos que dizem respeito ás artes, ás letras e ás ciencias, numa palavra, ás profissões intellectuais. Ao jornalismo também. Deste modo, não é difícil adivinhar que será um embaixador inteligente, avisado e culto, pronto a receber todas as sugestões que possam facilitar-lhe a sua missão.

(Copyright da Agencia Herzog de Vienna e do «Diário de Lisboa».)

A greve geral em Madrid começou ás dez horas da manhã

MADRID, 17.—Foi declarada a greve geral, que se tornou efectiva em toda a capital a partir das 10 da manhã.

As ordens para a declaração da greve geral foram postas a circular rápida e simultaneamente em todos os sectores da cidade.

Os operários que se dirigiam esta manhã para os seus trabalhos, encontraram-se no caminho para as fabricas, que deviam abrir ás 8 horas, com os delegados da Casa do Povo que lhes transmitiram a ordem da declaração da greve geral. Todos os operários acataram imediatamente as instruções recebidas e não compareceram ao trabalho.

Os carros electricos e os «auto-buses», que tinham principiado, como de costume, a circular muito cedo, receberam ordem de suspender o trafego e ás 9 horas foram-se retirando. Momentos depois deixaram de circular por completo.

Os «taxis» foram-se retirando entre as 9 e as 10 horas, deixando a esta hora de circular em toda a capital.

Comissões de grevistas percorreram as varias ruas da capital a pedir aos proprietarios dos estabelecimentos comerciais que encerrassem as suas portas. Alguns proprietarios que se recusavam a obedecer aos pedidos dos grevistas eram obrigados a sair dos estabelecimentos e a fecharem-nos. Ao mesmo tempo eram informados pelos grevistas de que se tentassem reabri-los sofreriam as consequências da sua desobediência.

A ordem da greve geral, dada esta manhã pela Casa do Povo, causou grande alarme e sobressalto na popu-

lação. Como era inesperada, muitas famílias não tinham ainda em casa os viveres para a sua alimentação de hoje. A ordem da Casa do Povo colheu toda a gente de surpresa.

Em frente das padarias e dos estabelecimentos onde se vende pão ha enormes bichas de gente, que ali se encontram para comprar aquele precioso alimento.

Algumas mercearias foram autorizadas a vender viveres durante uma hora, a fim de que a população se possa fornecer de generos alimenticios. Estes estabelecimentos, porém, conservam meia porta cerrada.

Os restantes estabelecimentos comerciais encerraram-se completamente.

As ruas encontram-se quasi desertas, transitando apenas as pessoas que têm necessidade absoluta de adquirir generos para a sua alimentação e que foram colhidos de surpresa esta manhã pela declaração da greve geral.

Até ás 10 horas não se haviam produzido quaisquer incidentes. — (United Press).

O protesto apresentado ao governo foi feito em termos energicos

MADRID, 17.—Acêrca dos incidentes que ontem se produziram nesta cidade, circularam diversos boatos. As milicias da Frente Popular organizaram um serviço de vigilancia nas ruas e as autoridades tomaram todas as precauções. Devido ao facto do ministro do interior continuar doente e em vista da situação ser, se não grave, pelo menos delicada, o chefe do governo, acompanhado pelos ministros Casares Quiroga e Franco, instalou-se no ministerio do Interior.

Os socialistas pediram ao governo que adopte providencias energicas contra os seus inimigos.

A greve de 24 horas proclamada pela Confederação Nacional do Trabalho tem por fim protestar contra os «atentados fascistas» dos ultimos dias. Á 1 hora da madrugada uma delegação de representantes dos sindicatos socialistas, das Juventudes marxistas e da comissão directiva da Casa do Povo conferenciaram durante uma hora com Azaña.

A' saída um dos delegados declarou: —A classe proletaria veio protestar junto do chefe do governo contra os «atentados fascistas» de ontem á tarde.

Alvarez del Vayo, vice-presidente do grupo socialista de Madrid, que também acompanhou os delegados das classes operarias até junto do chefe do governo, disse que os atentados de ontem á tarde demonstravam tratar-se duma força superiormente organizada pelo fascismo. Aventurei-se que o protesto que haviam formulado junto do chefe do governo fôra o mais energico possivel.

Na Casa do Povo, onde se nota grande actividade, a comissão directiva tem sido assaltada por elevado numero de filiados, que queriam que a União Geral dos Trabalhadores declarasse a greve geral para secundar a Confederação Nacional do Trabalho no seu protesto contra os acontecimentos de ontem á tarde.

O vice-presidente da secção socialista de Madrid, interrogado sobre se a União Geral dos Trabalhadores aderiria á greve geral proclamada pela Confederação Nacional do Trabalho, declarou:

J. N. Cunha, L.
Joalheiros 197, R. AURORA-201
Tel 20730

—Presentemente nada sei, senão que as massas operarias estão a postos.

A Casa do Povo forneceu á Imprensa o seguinte comunicado: «A comissão directiva da Casa do Povo, o Grupo Socialista de Madrid, as secções de unificação das Juventudes e a secção comunista locais, tendo procurado Azaña para lhe significar a profunda indignação da classe operaria contra os incidentes de ontem á tarde, que são apenas mais um facto a adicionar á serie de provocações fascistas dos ultimos tempos, e tendo obtido do chefe do governo a prova das medidas tomadas durante a noite e a promessa duma immediata acção energica contra o terrorismo fascista, resolvem por unanimidade conservar-se na expectativa, aguardando o cumprimento da promessa feita. Reservam-se, porém, o direito de tomar todas as medidas que as circunstancias exijam desde que as provocações fascistas continuem, ainda que seja um só dia». — (Havas).

Até ao meio dia não se registaram incidentes graves

MADRID, 17.—A União Geral dos Trabalhadores viu-se forçada a inclinar-se perante as disposições tomadas esta manhã, pelos delegados da S. N. T., para a interrupção do trabalho. Esta tarde, aquela organização operaria deve dar a conhecer a sua posição, por meio duma nota á Imprensa, em que explicará provavelmente que a sua attitude foi ditada pelo desejo de evitar disturbios.

O movimento coincide com a aparição dum sol brilhante e claro, em contraste absoluto com as chuvas torrenciais que caíram nos ultimos dias. As ruas estão quasi desertas. Os electricos, autobus, taxis e o metropolitano não circulam. Varios jovens, dando mostras duma alegria ruidosa, juntam-se em grupos a comentar alegremente os acontecimentos. As lojas estão quasi todas fechadas, com excepção das leitarias e farmacias e alguns estabelecimentos de generos alimenticios, onde a freguesia é admitida com visível prudencia.

Certos jornais, entre os quais o «A B C», uma camioneta do qual foi queimada, não puderam ser vendidos. Em varios pontos, os manifestantes apoderaram-se dos jornais das Direitas e rasgaram-nos completamente. Até ao meio dia não havia nenhum incidente grave a assinalar. A partida dos combolos tem sido assegurada. Os delegados da Casa do Povo encontram-se actualmente reunidos em Fuencarral, nos arredores de Madrid. — (Havas).

Estabelecimentos assaltados por não terem encerrado

MADRID, 17.—Varias patrulhas da força publica percorrem as ruas, a fim de evitar que os grevistas pratiquem violencias. Apesar disso, em diversos pontos foram assaltadas padarias e outros estabelecimentos de generos alimenticios.

Os cafés e os «bars», que já tinham aberto as suas portas, quando foi conhecida a ordem de greve geral, foram intimados a fechar, o que se fez sem incidentes.

Grupos de grevistas percorreram ao meio dia as ruas da capital a verificar se todas as lojas estavam fechadas, mandando encerrar aquelas que ainda não tinham acatado as ordens nesse sentido. Nos bairros excentricos, os estabelecimentos que tentaram de-

sobedecer á declaração do movimento foram assaltados.

O metropolitano, que funcionou até ao meio dia, teve de suspender as carreiras, em consequencia dos atentados que se registaram em diversas estações.

Na estação do Melo Dia, a greve foi observada a partir das 10 horas da manhã, mas o serviço foi restabelecido pouco depois. O rapido de Badajoz, que saíra ás primeiras horas da manhã, descarrilou. Ignora-se se houve victimas e também se desconhecem as causas do desastre.

Numa localidade que fica a 15 quilómetros de Madrid, os grevistas efectuaram varios assaltos e incendiaram diversas casas, atirando para a rua o respectivo mobiliario. — (United Press).

O movimento foi declarado por tempo indeterminado

MADRID, 17.—Segundo um manifesto distribuido nas ruas, a greve geral foi declarada por um período indeterminado. No entanto, não se julga possível prolongar o movimento além de segunda-feira proxima. — (H.).

Vão ser chamados á responsabilidade os militares suspeitos

MADRID, 17.—Reuniu-se hoje o conselho de ministros, que resolveu que o ministro das Obras Publicas, sr. Casares Quiroga assumia definitivamente a pasta do Interior, em substituição do sr. Amós Salvador, que se encontra doente.

O governo decidiu também chamar á responsabilidade todos os implicados nos acontecimentos de ontem e do dia 14, nas manifestações que se produziram contra a Republica.

Finalmente foi resolvido chamar á responsabilidade e demittir todos os militares cuja attitude se tenha tornado suspeita. — (United Press)

A dissolução das ligas fascistas

MADRID, 17.—O conselho de ministros, que hoje se reuniu, resolveu dissolver as ligas fascistas e todas as outras organizações do mesmo caracter. — (Havas).

Esta madrugada encontravam-se presos mil fascistas

MADRID, 17.—A Direcção Geral de Seguranga Publica informou que durante a noite foram presos cento e vinte fascistas.

Mais tarde, Aparicio, commissario encarregado de prender os fascistas suspeitos de maneios contra o regime, declarou que de madrugada estavam detidos mil fascistas. — (Havas).

O novo ministro do Interior

MADRID, 17.—Confirma-se que Casares Quiroga exercerá interinamente o cargo de ministro do Interior. Como se sabe, Quiroga, que ocupa agora a pasta das Obras Publicas, foi ministro do Interior do primeiro governo presidido por Azaña. — (Havas).

Perez de Ayala abandona Londres

(Serviço especial para o «Diário de Lisboa») LONDRES, 17.—A embaixada de Espanha anuncia a demissão do embaixador Perez de Ayala, que abandonará o seu lugar em breve. — (Havas).

Será adiada a feira de Sevilha?

MADRID, 16.—O ministro das Comunicações declarou que, devido aos prejuizos causados pelos temporais, será possivelmente adiada a feira de Sevilha. Para resolver acêrca do adiamento o ministro anunciou que ia ter uma conferencia telefonica com o governador de Sevilha. — (Especial).

RUBIS E SAFIRAS ORIENTAIS
O mais fino gôso

PAGINA INFANTIL

AS AVENTURAS DO QUIM E DO MANÉCAS



I—Manécas vai ao campo apanhar flores...



II—Leva o Taréco na sua companhia.



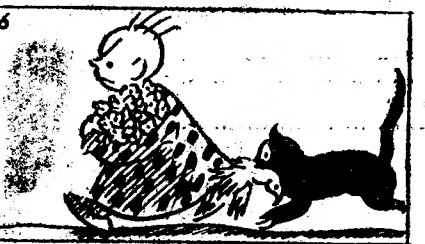
III—Depois de apanhar um lindo ramo, recolhe a casa.



IV—Dona Leocadia tinha também ido passear, com o seu chapéu novo.



V—O Taréco julgou que o passaro do chapéu era verdadeiro e caçou-o...



VI—... enquanto o Taréco fugia, envergonhado pela acção do seu amigo.

Café-RESTAURANTE "CHIC"

Serviço à lista e mesa redonda. Almoços e jantares a 10 escudos. Cerveja de pressão. Mariscos e aperitivos.

Café "Lá-Garé"

Bifes especiais a 7 escudos. Cerveja de pressão. Aperitivos.

O feitiço contra o feiticeiro

Com uma chama de colera nos olhos amarelos, o galo perguntou á galinha pedrês, que seguia apressada:

—Onde vais tu? Ando á tua procura desde madrugada e só agora te encontro e tão longe da capoeira! Porque saíste sem minha autorização?

Com um ar decidido a galinha respondeu:

—Sabes que não gosto de domínios! A minha educação moderna não admite freios! Quero rehabilitar a nossa raça, que o shomens apregam ser a mais estúpida da criação.

—E que vais fazer para isso?— indagou o galo, estremecendo a crista, cheio de curiosidade.

—Serei eu que hei de dar o castigo á raposa, maldita que ronda a capoeira!...

—És pequena demais para tais empresas!—resmungou o galo, descontente com o procedimento da galinha indomável.

Mas ela ergueu a cabeça com altivez.

—Pequena? Tu vais ver se o tamarinhó tem alguma cousa que vê com a coragem! Hei de descobrir a raposa e hei de dar-lhe uma lição, olé!

—Toma conta! Pode sair-te caro o atrevimento! És uma imprudente!

A indisciplinada não o quis ouvir. Bateu as asas curtas, saltou barrancos, espesinhou a erva alta e desapareceu correndo, sem voltar a cabeça para o galo da capoeira.

Chegada á mata, com uma agilidade de gymnasta, foi-se empoleirar numa árvore bem alta e ali passou a noite, de olho alerta, atenta ao menor ruído, não fosse a raposa esgueirar-se sem ela dar por isso.

No entanto, de madrugada, já os olhos se lhe fechavam sonolentos, quando acordou sobressaltada, ao ouvir a voz da raposa, que murmurava:

—Que cheiro delicioso! Como é que aqui, no meio da mata, ha um aroma de capoeira? É estranho! Muito estranho!...

Então, do alto da ramada, a galinha cacarejou:

—Não se admire, comadrinha. Sou eu, a pedrês, da capoeira do Casalinho, que vim arejar. Estava farta daquela vida! Agora vou fazer poleiro das árvores, comer vermes da terra e frutos do mato. Demais, nem conversa me faltará, visto que a comadre raposa sabe historias tão divertidas para me entreter!

A raposinha lambia os beiços gulosos, mostrava a dentuça afiada...

—Mais divertido será se te resolves a vir para baixo. Assim me ouvirás mais a jeito e escuso de estar de focinho no ar para te vêr! Nem são modos de galinha andar empoleirada lá nos cimos...

—Vocemecê trata-me como se eu fosse uma galinha vulgar, das que só pensam nas ninhadas e nas sêneas do alguidar? Pois fique sabendo que possuo aspirações mais altas!... Tenho ansia de liberdade, de vêr mundo e de conhecer outros costumes! Os da minha patrôa estou eu farta de saber!

A raposa sacudiu as orelhas finas e, com ar matreiro, exclamou:

—Ah! Tu estás ao facto dos usos da ti'Ana? Sabes as horas a que ela se deita e se levanta?

Fingindo-se indiferente, a sonsinha respondeu:

—Pudéra não! Se ali fui criada e me fiz galinha!

A raposa tornou:

—Consta-me que tinhas lá boa companhia! Um galo galaroz, galinhas de raça, patos, perus. Tudo isso avistei por um buraco do muro...

—E tudo criadinho a boa sênea e milho gráudo. É um regalo a bicharia da capoeira da ti'Ana! Nos arredores nada ha melhor.

Com a baba a escorrer-lhe, a raposa voltou:

—Terias tu duvida em me indicar a maneira de eu vêr de perto esses exemplares da tua especie?

A pedrês fez-se desconfiada.

—Com isso não conte, comadrinha!

Eu sei bem com que artes e tretas vocemecê trata da vida! Vou lá agora abrir-lhe a porta da capoeira, onde vivem em paz os meus parentes e amigos!

A voz adocicada da raposa tornou:

—Apesar dos teus modernismos, vejo que ainda incorres nos mesmos erros das antigas educações! Julgas que eu pretendo visitar a capoeira, por tentação de gula? Enganas-te, minha amiga! Faço-te este pedido só por curiosidade natural de conhecer bichos tão perfectos, visto que me dedico ao aperfeiçoamento das raças.

—E vocemecê promete-me lá entrar sem idéas de roubalheira? Olhe que o Farrusco, o cão da herdade, é de respeito!—volveu a pedrês, encantada com a maneira como as cousas corriam. Em todo o caso, se formos a esta hora—continuou muito hipocritamente—é quasi certo não o encontrarmos. Vai sempre dar uma volta pela eira. Agora veja lá, não me deixe mal!...

—Não terás razão de queixa! Vamos depressa, hein?—redarguiu, satisfeita, a raposeca.

—Caminhe em baixo, que eu aprendi gymnastica e gosto de praticar os saltos. A caminho!—disse a galinha, dando pulos de árvore em árvore.

As pernas finas da raposa também galgavam por ali fóra, a toda a pressa. Perto do Casalinho, a galinha piou, baixo.

—Vou espreitar se é boa ocasião para a sua visita. Quando eu dêr sinal, entre, de repente, sem hesitar.



O exito de "Maria Migalha"

"Maria Migalha", a deliciosa peça infantil de Virginia Lopes de Mendonça e Laura Chaves, continua em pleno exito no teatro Nacional, onde se repete depois de amanhã, domingo, em "matinée", para encanto e alegria da petizada.

A historia da princesinha encantada que a Velha Relha Ferrunfunfelha esconde no seu antro da montanha e que está prestes a ser tragada por um terrivel gigante, acubando por se vêr livre da sua vida de trabalhos e de miseria para restituir a felicidade e a abundancia ao seu reino, é das que interessam, divertem e comovem os pequenos espectadores, que acompanham com a maior ansiedade as diversas peripecias do pequenino drama infantil.

Depois, a companhia do Nacional, com Adelina Abranches e Maria Lalande, representa a peça deliciosamente, mantendo a plateia em constante vibração, ora de gargalhada, ora de comovido interesse.

Em resumo: um espectáculo encantador cujo exito se mantem inalteravel.

DELEGAÇÃO DE PORTUGAL
DE

La Equitativa "Fundación Rosillo,"

SOCIEDADE ANONIMA DE SEGUROS SOBRE A VIDA

BALANÇO GERAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 1935

ACTIVO		PASSIVO	
ACTIVIDADE SEGURADORA		ACTIVIDADE SEGURADORA	
<i>Valores affectos ás Reservas:</i>		Deposito de Garantia	500.000\$00
Títulos da Divida Publica depositados na Caixa Geral de		Reservas Matematicas	2.237.187\$00
Depositos	2.167.075\$50	Fundo para Lucros Diferidos	114.306\$00
Empréstimos sobre Apólices	4.440\$00	Reservas especiais de Gerencia	4.273\$00
CONTAS DE SEGURO DIRECTO		CONTAS DE SEGURO DIRECTO	
Segurados	127.895\$58	Premios em Deposito	6.605\$49
ACTIVIDADE FINANCEIRA		Comissões s/Premios pendentes de cobrança	36.360\$42
Finanças depositadas	20.958\$00	ACTIVIDADE FINANCEIRA	
Despesas Iniciais de Organização e Instalação (5/10)	24.933\$19	Credores por Fianças Depositadas	20.958\$00
Moveis e Utensilios (5/10)	39.871\$87	Agentes	34.421\$67
Devedores Diversos	2.673\$65	Fundo de Fluctuação de Valores	751.766\$80
Papeis de Credito	1.029.321\$50	Reserva para Contribuições e Impostos	33.264\$40
Depositos á Ordem em Bancos	931.680\$74	Sede Social	623.947\$93
Caixa	14.220\$68		
	4.363.070\$71		4.363.070\$71
O Chefe da Contabilidade		O Procurador Geral da «La Equitativa» em Portugal	
(ass.) Armando Scarnichia Caza Nova		(ass.) M. F. Carneiro Pacheco	

DELEGAÇÃO DE PORTUGAL
DE

La Equitativa "Fundación Rosillo,"

SOCIEDADE ANONIMA DE SEGUROS SOBRE A VIDA

CONTA DE GANHOS E PERDAS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1935

DEBITO		CREDITO	
ACTIVIDADE SEGURADORA		ACTIVIDADE SEGURADORA	
Reservas Matematicas do Exercício	2.237.167\$00	Reservas Matematicas do Exercício anterior	1.409.521\$00
Fundo para Lucros Diferidos	114.306\$00	Fundo para Lucros Diferidos do Exercício anterior	48.621\$00
Reservas especiais de Gerencia	4.273\$00	Juros das Reservas Tecnicas	80.164\$69
CONTAS DE SEGURO DIRECTO		Juros de empréstimos s/Apólices	266\$80
Comissões	514.280\$75	CONTAS DE SEGURO DIRECTO	
Extornos e Anulações	232.619\$04	Premios	1.949.798\$38
Rendas Vitalicias	543\$60	Apólices	4.955\$86
Resgates	12.001\$20	Selos	7.155\$10
ACTIVIDADE FINANCEIRA		ACTIVIDADE FINANCEIRA	
<i>Amortizações:</i>		Juros de Valores Livres	62.579\$49
Despesas Iniciais de Organização e Instalação		Juros dos Depositos á Ordem	10.066\$44
(1/10)	4.986\$70	Diferenças de Cambio	3.531\$99
Moveis e Utensilios (1/10)	5.965\$24	Saldo	15.000\$86
	10.951\$94		
Gastos de Produção	147.894\$49		
<i>Gastos Gerais:</i>			
Pessoal	93.300\$00		
Material	113.364\$65		
	211.664\$65		
<i>Contribuições e Impostos:</i>			
Estaduais	101.830\$54		
Municipais	4.129\$40		
	105.959\$94		
	3.591.661\$61		3.591.661\$61
O Chefe da Contabilidade		O Procurador Geral da «La Equitativa» em Portugal	
(ass.) Armando Scarnichia Caza Nova		(ass.) M. F. Carneiro Pacheco	

Pinto
seus
belos

K
O
N

e ser
semp
jo

REPRESENTAN

M. Cal

Avenida Al
Reis, 165 n

Telef. 4

DEPOSITARIO

Farm
Olive

Rua da Pra

Mundanismo

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa da Ponte, D. Maria Emilia Mendes de Almeida Belo Costa, D. Cecilia Fontoura de Gamboa Riva, D. Ana Izabel Gorjão Henriques, D. Maria do Ceu Beltrão Benevides Aires, D. Maria José Correia de Freitas Torres, D. Matilde Romero de Sousa Feio e Castro e D. Ida da Fonseca Magalhães.

A CARIDADE

No Salão de Chá Tivoli Da comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, que levou a efeito no Salão de Chá Tivoli, na tarde do dia 13 do corrente, um «chá de caridade», recebemos com o pedido de publicação a nota da receita e despesa da mesma festa:

Receita Líquida—Entradas e esmolas, 1.804\$00; venda de um corte de seda, oferta da Casa Pinheiro Ribeiro, da rua Augusta, 542\$50; programas e mesas, 302\$50. Total, 2.649\$00. Despesa—Chás, à casa Bernard, 1.680\$00; musica, 63\$00; Finanças, 54\$00; Sociedade de Autores, 30\$00; Inspeção de teatros, 4\$50; Manequins, 100\$00; Porteiro, 10\$00; Impressão de bilhetes e programas, 60\$00; Licença Camararia, 22\$25. Total, 2.023\$75.

A comissão organizadora pede também para agradecermos em seu nome a sr.ª D. Maria Luiza Diogo da Silva Teixeira, proprietária do Salão Bobone, pela cedência dos seus magníficos modelos, à notável cantora de fados Rosa Maria, que deliciosamente se fez ouvir em varios fados do seu vasto repertório, ao aplaudido solista de viola, Alfredo Costa, e à casa Pinheiro Ribeiro, que ofereceu o corte de seda que foi rifado.

No Asilo São Luiz

Repete-se novamente amanhã de tarde no Asilo São Luiz Rei de França o programa das elegantes festas que nas tardes de quarta e quinta-feira ali se efectuou, com tanto éxito, e que consta da representação por um grupo de senhoras da nossa primeira sociedade da peça «Chanteuse de Rue», e de varios bailados por crianças discipulas da illustre professora do Conservatório Nacional de Musica sr.ª D. Encarnacion Fernandes, revertendo o produto, como das anteriores a favor da Associação Protectora das Escolas para Crianças Pobres, de que é presidente a sr.ª condessa de Sabugosa e de Murça. Os poucos bilhetes que restam para o espectáculo de amanhã à tarde estão à venda no Asilo São Luiz.

No Central

Uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, leva a efeito amanhã, no Central, uma tarde de cinema, de caridade, cujo produto se destina a um fim verdadeiramente altruista, podendo os poucos bilhetes que restam ser requisitados pelo telefone 4 4628.

TARDE DE ELEGANCIA

No meio mundano tanto da capital como da Costa do Sol, foi recebida com verdadeiro entusiasmo, a noticia que ontem publicámos de que no proximo domingo os conhecidos cronistas mundanos e nossos colegas de redacção levam a efeito no salão de festas do Casino Estoril, um «chá concert», durante o qual em uma «passarela» ao longo da sala se fará a passagem de modelos dos principais costureiros de Paris, apresentados pela conhecida Casa Borges (Costureiro), sendo os sapatos da sapataria «Garrett» e os «chapeus» de Maria Augusta e Alda.

As mesas para o «chá» marcam-se pelo telefone 2 4024 ou no escritorio do Casino Estoril.

JANTAR DE DESPEDIDA

Em honra do coronel Ascencio, que em breve regressa a Espanha, foi oferecido por um grupo de amigos, em numero de vinte e cinco, um jantar de despedida no restaurante-Café Tavares, vendo-se entre os convivas o consul geral, vice-consul e grande numero de figuras em destaque na colonia de Lisboa, tendo-se no final trocado affectuosos brindes.

EM VIAGEM

Partiu para o Hotel Costa, em Sintra, a senhora Viuva de Marifon, que durante alguns dias esteve na capital hospedada no Metropole.

—Com sua esposa, a sr.ª D. Maria Manuel Bossa da Silva Brito, regressou à sua casa na praia da Granja, o sr. Fernando Ferreira da Silva Brito (Ermida).

—Partiu hoje de madrugada, no paquete «Monte Pascoal», para a Alemanha, em viagem de recreio, o nosso amigo sr. Eduard Frank, gerente da Sociedade de Anilinas, Lda, acompanhado de sua esposa e filha.

A bordo, além do director geral daquela sociedade, sr. G. Roeder, encontravam-se algumas dezenas de pessoas, entre as quais muitos elementos da colonia alemã.

Vida desportiva

O aniversario do Benfica

Se ha clubes que têm exercido uma influencia notavel no desenvolvimento desportivo português, o Benfica é um deles, porventura o primeiro de todos.

Ninguém poderá de boa fé contestar o enorme valor do popular Sport Lisboa e Benfica reconhecido até por aqueles que militam noutras organizações desportivas.

Passa agora mais um aniversario do Benfica. Está em festa aquele clube, os seus dirigentes, praticantes e associados. Está em festa também o desporto português.

Todos os desportistas se regostam com esta data gloriosa dos «vermelhos», esperando que eles continuem a marchar na vanguarda desportiva, e dando ao país centenas e centenas de atletas, nas mais variadas modalidades.

O nosso presado camarada sr. Ribetto dos Reis realizou ontem, pela T. S. F., uma admiravel palestra, em que foi evocado o passado do Benfica e se demonstrou a sua força no presente.

Mas outras festas se vão seguir e todas elas certamente terão o brilho que lhes dá o prestigio do Sport Lisboa e Benfica.

O desafio Porto-Boavista

Como se sabe, o desafio das Ligas Boavista-F. C. do Porto encontra-se atrasado. Por esse motivo, a Federação marcou o referido encontro para a proxima segunda-feira, pelas 18 horas, no Estadio do Lima, sob a arbitragem de Carlos Canuto, de Lisboa. E assim o calendario das Ligas será a pouco e pouco acertado.

O Picheleira Atletico Clube

O Picheleira Atletico Club promove, no proximo dia 25, uma festa para a estreia da sua nova mesa de «ping-pong», realmente, um modelo no genero.

A festa começará por uma palestra sobre «ping-pong», proferida pelo representante da Associação de Lisboa. Em seguida, os melhores praticantes de «ping-pong» do Sporting, Belenenses, Académico, Benfica, Estefania, Gremio do Alto Pina, Benfornoso, Matadouro, Santana e Operario farão alguns encontros demonstração desta modalidade.

A festa será completada com um animado baile.

Provas de hipismo

A Sociedade Hipica Portuguesa continua organizando provas hipicas, prossequindo assim na sua tarefa de desenvolvimento do hipismo.

Assim, a Sociedade Hipica promove, no proximo domingo, pelas 15 horas, no hipódromo do Jockey, duas «poules» hipicas, sendo uma para cavalos em «handicaps», e outra para todos os cavalos, que contam já uma inscrição animadora.

«Hockey» em campo

Depois de amanhã, no campo Francisco Lazaro, sob a direcção dos srs. João Serra e Americo Rombert, efectua-se a final da «Taça Os Sports», entre o «team» do Internacional B e o Football Benfica.

«Hockey» no Ateneu

Pelas 17 horas, no proximo domingo, realiza-se a final duma prova inter-socios do Ateneu, sendo o encontro dirigido pelo sr. Americo Rombert.

O repto de Prospero

Salvador Próspero, «boxeur» espanhol lançou um repto a Armando Silva (Bans). O representante deste «boxeur» dirigiu-se-nos afirmando que apesar do combate não interessar demasiadamente ao seu pupilo, não tem duvidas nenhuma em levantar o repto, aceitando o combate com quaisquer condições, podendo ser até a bolsa para o vencedor.

BOX

MIELLIN

O seu «recoed» define o valor do adversario de Prior no proximo dia 22

Francamente, achamos demasiado dura a prova a que os organizadores submetem no proximo dia 22 o valeroso boxeur luso Anibal Prior. Em Portugal tem-se sempre pecado pelos excessos que atingem os dois extremos. Uma vez, adversarios demasiados fracos. Outras—como agora—adversarios perigosos, em demasia, que, até por infelicidade, podem destruir a carreira de um estreante. E' verdade que Anibal Prior traz na sua bagagem uma credencial que o valoriza como um boxeur em condições de se impôr como dos melhores europeus. Mas para estreia, talvez qualquer espanhol pudesse servir de pedra de toque. A categoria dos meio-médios é das mais perigosas da Europa. Mas Miellin, não só é um francês moço, cheio de energia e vigor, como é um boxeur feito na America, onde obteve ruidosos triunfos que o assinalaram—segundo lemos—entre os 10 melhores estrangeiros. Miellin foi temido por Horacio que se recusou combatê-lo em Lisboa. Na America bateu por K. O. nomes consagrados como Pat Haley, Bernny Palmer, Young Coldie, Maxy Strubl, etc. Venceu por pontos o challenger americano dos meio-médios Fredy Edwards, num combate realizado em Reading. Em julho do ano findo foi vencido aos pontos pelo actual campeão do mundo Jonhy Jadick, dos meios-médios Juniors—categoria entre meio-médio e leves. Em França—onde regressou em setembro para fazer o serviço militar—fez match nulo em 20 de outubro com Rafael, ex-campeão da Europa, num combate realizado em Cannes. Venceu, a seguir, aos pontos, Humery, o celebre campeão dos leves, challenger ao titulo europeu. Ultimamente, bateu por abandono Rafael. Com um homem destes é uma temeridade fazer uma estreia de um boxeur em que Portugal inteiro, neste momento, concentra fortes esperanças para que consiga arrebatá-lo o titulo máximo da Europa. Prior é valente, e, para tão dura prova, não lhe faltará de parte do publico o carinho e incentivo necessario capaz de levar o nosso energico compatriota a uma victoria honrosa que o cotará imediatamente no conceito europeu. Será difícil a prova... mas não impossivel!

A SEGUNDA SEMANA MILITAR

realiza-se de 21 a 29 do corrente

A' semelhança do que fez o ano passado a direcção da revista «Defesa Nacional» está organizando, sob o patrocínio dos srs. ministros da Guerra e da Marinha, a segunda «Semana Militar». Move-a a consciencia da «necessidade de despertar na população civil os mais sublimes sentimentos de orgulho patrio, atraindo a sua atenção para o grave e instantaneo problema da defesa nacional e simultaneamente o fortalecimento dos factores morais, entre os elementos das corporações militares, tão valiosos para o exito da espinhosa missão que lhes incumbe».

A segunda «Semana Militar» será iniciada no dia 21, ás 13 horas, com a inauguração, na Escola Naval, da Exposição de obras literarias dos escritores militares, seguida do lançamento ao mar do aviso «Infante D. Henrique», na carreira do Arsenal de Marinha e duma sessão solene, á noite, na Sociedade de Geografia, em que falarão o sr. ministro da Educação Nacional e uma distinta escritora. Nessa mesma noite, a banda da G. N. R. dará um concerto publico.

Até ao dia 28 á noite celebrar-se-ão diversas cerimoniaes interessantes que oportunamente anunciaremos e que são a garantia dum grande exito para este significativo empreendimento.

PROTECCÃO AS RAPARIGAS

A direcção da Protecção ás Raparigas agradece reconhecidissima a todas as pessoas que já entregaram os seus envelopes da «Semana da Renuncia», vindo com satisfação que o seu apelo foi atendido com muita simpatia e generosidade.

Pede encarecidamente a todas as pessoas que ainda conservam envelopes em seu poder, a subida gentileza de os entregarem, com a maior brevidade possivel, ás senhoras de quem os receberam, ou na Livraria Católica, rua Augusta, 220, ou na sede, Costa do Castelo, 45 e 47.

Pombos correios

A Sociedade Columbophila do Centro de Portugal pede a quem recolher os pombos portadores das anilhas officiaes n.º 172649-26412, 90067-290068-29 010-311747-311840-311880-314683-31807-353143 e anilha estrangeira 1.520691 Beige, o favor de comunicar o seu paradeiro para a sede da Sociedade, avenida Almirante Reis, 103, ou pelo telefone 41623.

Caminhos de Ferro Portugueses

Feira anual do Fundão

Por ocasião da feira anual do Fundão—que se realiza no dia 25,—a C. P. organiza um serviço especial, com bilhetes de ida e volta a preços reduzidos, validos para a ida em 24 e 25, e para a volta até 26.

“O CRIME”

Sal amanhã a grande revista de problemas criminaes

“O CRIME”

é contra o crime

Uma publicação para todos e de grande interesse

Sumario: Os anonimografos — Prisoões por suspeita — Policia tecnica — Professor ou tipografo? (O problema mais importante até hoje resolvido pelas impressões digitais) A opinião publica matou um homem — O misterio da morte — Crimes que toram suicidios e suicidios que foram crimes — A grafoscopia (Estudo do papel, da tinta, dos lapis e das penas) — Por causa das contradicções — Hauptmann foi vilta dum erro judiciario — Ciencia penitenciaria — O caso de Sintra

Sensacional: A grafologia como ciencia de conhecer o caracter. O retrato grafologico de Luiz Uceda. O que revela a sua escrita

Juizes, advogados, medicos, notarios, escrivães, agentes de policia, funcionarios administrativos têm no CRIME o jornal que lhes interessa

16 páginas — Um escudo

Pedidos de assinatura: rua da Horta Seca, 50 — LISBOA

A tarde elegante de amanhã no Capitoleo



No Capitoleo realiza-se amanhã, ás 15 horas, a festa dos organizadores das «matinées» elegantes deste cinema.

No espectáculo toma parte, excepcionalmente, a famosa orquestra Almeida Cruz, que, em breve parte em digressão artistica ao estrangeiro.

No acto de variedades colaboram gentilmente os distintos artistas Vanise Meyreles, Tereza Gomes e Assis Pacheco; o inigualavel imitador Daniel Martins; os simpáticos bailarinos Carlos Lisboa e Deuby-Deubner e a encantadora «vedeta» de cinema Carmencita Aubert.

No final ha baile com duas orquestras.



Porquê?

Não ha razão para suportar resignadamente essa terrível dôr de dentes! Com um ou dois comprimidos de Cafiaspirina verá que pronto alívio. E nenhum mal fará ao seu organismo.

Cafiaspirina

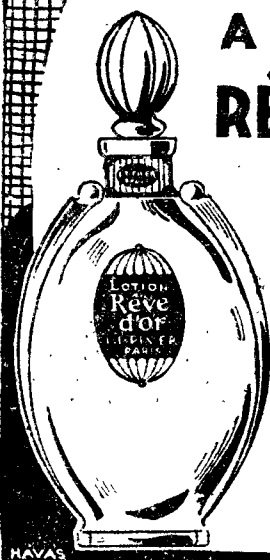
O PRODUTO DE CONFIANÇA



RÊVE D'OR

É o nome dum perfume raro dum pó de arroz delicado e também o nome da loção que prefere toda a mulher verdadeiramente distinta.

A LOÇÃO RÊVE D'OR



fabricada em Portugal por L. T. Piver é exactamente igual á elaborada nas 25 fabricas Piver espalhadas por todo o mundo.

Cabelos brancos? O AZEITE-VEGETAL



não engana, restitue a cor perdida

A venda nas principais casas — Dpt.º Soc. Produtos Farmaceuticos, L., R. Jardim do Regedor, 21, Lisboa. — No Porto: Lourenço Ferreira Dias, L., R. das Flores, 153 — Peça prospectos gratuitos

Secretaria Judicial da 4.ª Vara Cível Lisboa

ANUNCIO

Pelo Juizo de Direito da 4.ª Vara da Comarca de Lisboa, cartorio da 2.ª Secção, correm editos de trinta dias, a contar da ultima publicação do respectivo anuncio, citando quaisquer interessados incertos que se julguem com direito a herança deixada por: Dona Zulmira Ramos, solteira, maior, domestica, domiciliada que foi na Praça Luiz de Camões, 36, 2.º, Esq. natural da freguesia e concelho de Aveiro, falecida em 4 de Fevereiro do corrente ano na Praça da Alegria n.º 61 res-do-chão, desta cidade, para, dentro do prazo legal, passando que seja o prazo dos editos impugnarem querendo, nos termos legais, a justificação avulsa para habilitação em que é justificante Artur Davis Abonhot Tavares de Melo. Lisboa, 9 de Março de 1936. O Chefe da 2.ª Secção:—Americo de Almeida, Carmo e Cunha. Verifiquei a exactidão. O Juiz de Direito:—Carneiro de Almeida.

RADIO-CENTRAL

Reparações garantidas
Rua do Ouro, 292, 3.º Dt.º



De graça

A Mariazinha dá, ao balcão, um folheto com 22 paginas, descrevendo as qualidades e preços de:
Cafés lotados — 4 qualidades
• combinados — 4 qualidades
• simples — 8 qualidades
Café dos doentes
Chás, avulso — 20 qualidades
• em pacotes — 19 qualidades
Cacaos
Chocolates (em pó e pastas)
Cevadas
Chicoria
Farinhas (alimento, arroz, aveia, fava, Fava e trigo)

Além disso, contém interessantes e proveitosos esclarecimentos sobre: O valor das farinhas; o cuidado a ter com elas e a preparação dos caldos.
As formas de preparar o café.
Receita para cozer e conservar as forças.
A opinião, sobre o café, de notabilidades de renome mundial.

A Mariazinha

Rua Barros Queiroz, 26 e 28 1.º
(à Igreja de S. Domingos)

Leiam ás quintas-feiras o jornal humorístico o «SEMPRE FIXE»



Em todas as festas

"ASSIS-BRASIL"

ESPUMANTE NATURAL

REAL COMPANHIA VINICOLA DO NORTE DE PORTUGAL

Os fornecedores dos

RADIO RECEPTORES

para a distribuição que foi feita pela

EMISSORA NACIONAL

continuam ainda esta semana a venda destes afamados receptores, a fim de satisfazerem os inumeros pedidos recebidos de toda a parte do País

RADIO TELEFONIA

Por 300 Escudos!

com as seguintes características: 4 valvulas modernissimas
— Alto-falante dinamico — Quadrante iluminado — Movel em nogueira muito atraente — Material de 1.ª qualidade

Ouve estações nacionais e estrangeiras

Garantia e assistência tecnica concedidas pelas nossas oficinas

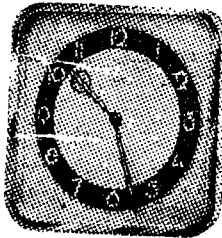
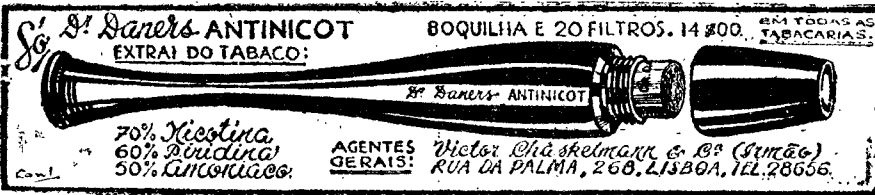
Pedidos aos fornecedores

RADIO SCIL

C. Martins, Lda

Rua da Prata, 166 — Telefone 2 1578

NOTA — Todos os pedidos de expedição para a provincia deverão ser acompanhados, alem do valor do receptor, de mais Esc. 10\$00 para embalagem e transporte. Se for destinado a corrente de 220 volts — alterna ou continua — juntar mais Esc. 22\$50, custo da respectiva resistencia.



Soberba colecção de despertadores e relógios de parede

TORROAES

Relojoeiro de confiança

119, RUA DA PRATA, 123

Telefone 2 4210

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
 Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA - Telefone 20271

«A MOCIDADE DE HERCULANO»

Pequena questão biográfica

por VITORINO NEMESIO

Porque o meu amigo João Gaspar Simões teve a idéa de se servir do meu livro *A Mocidade de Herculano até à Volta do Exílio* (1810-1832) para documentar, no suplemento literário do *Diário de Lisboa*, as suas queixas da falta de verdadeira biografia em Portugal, devo á verdade e aos leitores uma breve explicação.

«Importa verificar — escreve Simões — que em Portugal não tem havido quem, a meio caminho do poeta e do erudito, nos dê a biografia viva de um dos nossos grandes homens. *A Mocidade de Herculano*, de Vitorino Nemésio, aparece-nos como uma das primeiras pedras para o templo da biografia portuguesa». E, aqui, Simões põe um *mas* («penível mas») em que alinham as seguintes restrições: 1) a minha obra é uma tese universitária; 2) «asfixiei» Herculano com «dados mínimos»; 3) pus de parte a minha «visão pessoal da figura»; 4) não selecionei «os elementos abundantemente colhidos»; 5) não cheguei a dizer «o principal»; 6) não interpretei Herculano; 7) não me distingui de um coleccionador de documentos; 8) não «idealizei», não fiz viver Herculano, tendo «qualidades para isso», «não obstante ter escrito uma obra capital da nossa biografia crítica»; 9) o «prejuízo erudito» tolheu-me.

Não é lá muito evidente como pude escrever «uma obra capital da nossa biografia crítica» asfixiando a figura, sem visão pessoal, não seleccionando elementos, omitindo o principal, não interpretando, nem «idealizando», — não criticando, em suma. Mas não é essa falta de claridade que me faz vir aqui tentar alguma luz: é simplesmente o desejo de desfazer um equívoco.

Eu não trouxe nem podia trazer uma das primeiras pedras para a biografia portuguesa, como pretende generosa e paradoxalmente Simões, não só porque escrevo numa lingua em que houve, pelo menos, um biógrafo de génio, Oliveira Martins (se acharmos palha podre o Fernão Lopes das crónicas de D. Pedro e de D. Fernando), mas principalmente porque, até á data, não fiz biografia alguma — uma «vida», uma obra de arte que tivesse como motivo um homem historicamente real. O que fiz foi uma tese («dissertação universitária» — diz Simões, e dizia-o antes dele o meu livro), um trabalho de erudição e — característica sobre um escritor português, traçado com método historiográfico,

na estrita obrigação de investigar tudo — até ao mais niquento pormenor — com aquele «saber» de cotejos, conjecturas, provas, paralelos e minúcias que acompanha inexoravelmente a parte analítica de semelhantes obras e que só nas paginas de síntese e de juízo critico se deve purificar. E tudo isto o fiz, não sobre a vida completa do homem que escolhi — Herculano —

mas sobre a sua *mocidade até à volta do exílio* (1810-1832): isto é, o período em que ele apenas escrevera alguns versos, e que, na falta quasi absoluta de confissões pessoais, procurei reconstituir externamente, pelos metodos da historia geral e da historia da cultura, que são universais e notorios e não humores ou segredos da mentalidade dos arguentes da minha tese a

que eu esperasse adaptar-me, como insinua Simões.

Dizia eu no *Prefacio*: «entre as inibições que me trabalharam ao longo de três anos de intimidade herculaniana», «o receio de produzir aquele «puro alinhamento de factos destacados» que Gundolf despreza no seu *Goethe* foi a maior talvez. A interpretação pura e simples, a *Vida*, porém, estava-me vedada. Vedada não só pela indole do acto a que o meu trabalho serviria» (um doutoramento), «mas também pelo estado em que achei os estudos herculanianos, proibitivo de qualquer construção que, embora pessoal, se abrigasse a uma investigação unificada e segura».

Infelizmente João Simões não leu, ou esqueceu isto, de que aliás não precisava para me não criticar em bem nem em mal por uma coisa que não fiz. O simples exame do meu trabalho bastaria a Simões para o integrar directamente, e não por uma porta falsa, na maçuda categoria daquelas obras em que o «criado de quarto» do grande homem (terminologia de Simões) acumula montões de pormenores. Ai o deixei resolutamente desde que foi escrito; ei o tem visto a critica, principalmente estrangeira: *Times*, *Bulletin Hispanique*, *The Hispanic American Historical Review*, *Modern Language Studies*.

Eu sei que as palavras *biografia* e *biógrafo* são elasticas. Também sei que, na *Mocidade de Herculano*, tenho paginas de pura evocação biográfica, clareiras em que descanso dos metodos peculiares á erudição para tentar, como artista, a vida do homem que escolhi. Nem por isso a natureza do meu trabalho deixa de ser fundamentalmente historico-cultural. O tal «meio caminho do poeta e do erudito» de que fala Simões não podia ser o meu.

Um Lytton Strachey — que como biógrafo é mais alguma coisa que os amadores estrangeiros de grandes homens portugueses que Simões aconselha a frequentar — compreende o valor e a escala das obras de investigação biográfica, as *Mocidades*, «*Années d'apprentissage*», *Velhices*, enfim os estudos parcelares e de lupa sobre que assentam depois as *vidas* evocativas e em bloco. Toda a gente compreende e não confunde estas coisas. Esperemos que João Simões — a quem pelo menos não falta benevolencia — as venha a entender também.

VITORINO NEMESIO

LADY HAMILTON, de Romney



A vida desta curiosa figura, que entrou na historia inglesa ao lado de Nelson, está agora sendo evocada, no genero das biografias romantizadas, por Paul Reboux e Paul Rival, respectivamente no «Gringoire», e na «Marianne».

Notas em circulação



O grande concurso internacional, que tinha como primeiro e unico premio uma bolsa de trezentos mil francos — quatrocentos e cinquenta contos em moeda portuguesa — constituídos por um adiantamento sobre os direitos da obra seleccionada, acaba de ser anulado. Concorreram dezassete casas editoras da America, Gran Bretanha, França, Alemanha, Espanha, Italia, Holanda, etc.

O concurso terminava no fim deste mês e foi anulado devido ao artigo que estipulava o seguinte: no caso de qualquer dos países concorrentes se encontrar em estado de guerra, os editores associados tomarão as medidas que julgarem convenientes em face das circunstancias que se possam produzir.

Ora esta clausula, que a principio se considerava de pura forma, acaba de ser aplicada a pedido da Italia, cuja agencia literaria promotora da competição, declara ter de renunciar ao concurso, em virtude da situação desfavoravel que aquele país atravessa, devido ao regime das sanções.

Os manuscritos que haviam sido entregues foram já restituídos aos seus autores.



A Municipalidade de Paris entrou ha dias na posse da casa onde viveram os irmãos Goncourt — o celebre «grénier».

Como se sabe, a Academia Goncourt, que todos os anos confere um premio literario, não tem sede social. Os «dezes» costumam reunir-se uma vez por ano, num café da praça Gailion. Seria interessante fazer da casa Goncourt um museu, onde figurassem a biblioteca e o mobiliario dos dois irmãos de letras, reintegrados no seu ambiente primitivo. Sucede, porém, que os seus haveres, de resto muito ao gosto da época, que era pessimo, foram ha muito dispersos.

Resta converter a casa em sede da Academia, mas, ao que parece, os seus pais mostram-se hesitantes com a aceitação da dadia municipal, em virtude de não terem a verba necessaria para a manterem devidamente.



A Aliança Intelectual Francesa, organismo que tem por objectivo a propaganda do seu país no estrangeiro, convidou vinte e cinco escritores de varias nações, a assistirem às festas do cinquentenario

do simbolismo, que se realizam no proximo mês de julho.

Os convites, assinados por Luiz Gillet, membro da Academia Francesa, foram entregues ha dias aos representantes diplomaticos das nações convidadas. O programa da estadia em França está já fixado nas suas linhas gerais. Os escritores convidados estarão dois ou três dias em Paris, seguindo depois para Bourges e Vichy, onde permanecerão durante as festas comemorativas do simbolismo.

Esta admiravel viagem termina com um circuito ás regiões mais pitorescas do Loire, Lot e Dordogne.

Foram convidados varios escritores ingleses, um dos quais representará o Egipto; três ou quatro americanos, um canadiano, um brasileiro, um argentino, um italiano, um espanhol, um português, dois holandeses, etc.

Todas as despesas de viagem serão pagas pela Aliança Intelectual.

Resta saber quem é o escritor que representará Portugal.

INQUIETAÇÃO

Na minh'alma soturna em que balanço
a fé no amor e um desespero enorme
feito de gritos de ansia desconforte,
ha um sonho de paz que não alcanço.

Inutil sonho! Nele subo e canso...
Tacteo sombras. E da Vida informe
(a meus olhos) na estrada em que me lanço,
a dor que me acompanha nunca dorme.

Ignoro o meu destino. Sonho e luto...
Dentro do breve espaço dum minuto
entrechoço paixões que a Vida esfria.

—Acima de mim mesma eu sou aquela
rutila chama que se apaga e gela
no seio da Razão amarga e fria.

ARMINDA GONÇALVES

Imagem rectificada do poeta **Fernando Pessoa**

Não sei o que seja a memoria das palavras. Quando me falam logo me preparo para as esquecer, certo como estou de as não poder lembrar. Não são as palavras que eu retenho, mas a expressão que as acompanha no momento de se desprenderem de em quem elas foram geradas. Inutil, portanto, fazer qualquer especie de tentativa para me lembrar das palavras que ouvi a Fernando Pessoa quando o conheci num café, que não era o seu café, ha anos em Lisboa. Era talvez escusado dizer que o café onde conheci Fernando Pessoa era em Lisboa. Fernando Pessoa não só nunca saía de Lisboa — ia algumas vezes ao Estoril, onde tinha familia — mas tambem quasi não saía do seu café, um dos mais centrais e simultaneamente um dos menos visíveis cafés de Lisboa. O eu ter conhecido Fernando Pessoa num café que não era o seu tem importancia. O café é em geral para o escritor português uma de três coisas: ou a sua sala de visitas, ou a sua camara de concepção ou o seu escritorio (isto é, literalmente, o compartimento em que escreve). Para certos, que não chegam nunca a escritores, o café é ainda um jardim de ilusões... Fernando Pessoa tinha feito do seu pequeno café as três coisas que, separadamente, o café costuma ser para o escritor português; no que ele foi, talvez, unico. Por isso, o facto de eu o não ter conhecido no local onde ele era homem, poeta e escritor (literalmente, aquele que escreve) levou-me a ter de refazer mais tarde a personalidade que julgara haver conhecido primeiro.

Era domingo—nesse dia Fernando Pessoa não tinha sala de visitas, nem camara de concepção, nem escritorio: o seu Café fechava ao domingo. Para nós receber, a mim e a outros seus amigos de Coimbra, Fernando Pessoa teve de aparecer numa casa em que ele se não poderia reconhecer a si mesmo. A minha memoria visual soube fixar a mesa de marmore rectangular disposta no intervalo de uma porta que a previdencia discreta do proprietario do Café mandára inutilizar com um grande vidro inteiro. O vidro estava pintado de certa altura para baixo. Não se via, portanto, a rua. Dentro do Café, lembro-me, visualmente, de ter visto alguns jornais desdobrados em frente de caras que não vi. Suponho que por detrás havia homens idosos, gastos em repartições publicas. Auditivamente lembro-me que se ouvia molas de bilhar num compartimento ao lado. Fernando Pessoa levantou-se para nos receber. Era natural. Nós eramos aqueles seus conhecidos que nos tinhamos posto a admirar a sua obra sem saber de quem ela era. Lembro-me de que a primeira impressão que a figura fisica de Fernando Pessoa deixou em mim foi a de um corpo dependurado. Dir-se-ia suspenso, pela nuca a um prego invisivel no espaço, pelo que os seus pés tocavam o chão difficilmente. Talvez não seja exacta esta impressão. Recordo: não vejo. Neste momento é apenas a minha recordação que importa. Todavia esta, é sem duvida a mais firme recordação que guardo da apparencia fisica de Pessoa. Os olhos de aros pequenos; o nariz fino caído sobre o labio, o gesto de afastar qualquer coisa da testa com as extremidades dos dedos são coisas de que me recordo sem a mesma precisão fundamental. Outra coisa me não esqueceu: essa não esquecerá jamais: o riso nervoso do poeta. Foi, no entanto, este traço de expressão aquele que depois precisou de uma rectificação mais completa. Porque não era aquela a sua sala de visitas, Fernando Pessoa exagerou naturalmente a sua cortezia. Não era tambem aquela a sua camara de concepção—e Fernando Pessoa procurou inutilmente, falseando todas as personalidades, ser uma delas. Alvaro de Campos não queria comparecer á chamada: Fernando Pessoa fez desesperados apêlos para ser o engenheiro Alvaro Campos, positivo e dinamico; Alberto Caeiro não compareceu, porque já tinha morrido; Ricardo Reis apparecia e desaparecia, precioso, lapidar, metafórico, isto é, muito pouco humano. Fernando Pessoa via-se obrigado a ser Fernando Pessoa *malgré lui*, pelo que não chegava a ser nenhuma personalidade propriamente. Cortez em excesso, artificial sem precisão e impossivelmente escritor por lhe faltar *escritorio* e oportunidade de o ser—eis como Fernando Pessoa ficou guardado na minha memoria até que eu o viesse a conhecer na sua sala de visitas, na sua camara de concepção, e no seu escritorio, isto é, no seu Café. A recordação que dele me ficou depois de o ter visto onde ele era realmente ele rectificou para sempre esta primeira imagem, incomparavel é certo, mas só parcialmente verdadeira. A ultima tarde que procurei Fernando Pessoa em sua casa—o seu Café—não o encontrei. O criado veio de detrás da maquina registadora e disse:

—O Senhor Fernando Pessoa já cá não vem ha dois dias: deve estar doente.

Saimos—Almada Negreiros e eu.—O ceu sobre o Tejo era o mais belo ceu que tenho visto. Que pena não haver só gaiotas, só fragatas com velas e só ceu sobre este rio maravilhoso! Nunca mais veria Fernando Pessoa. Mas a recordação que em mim ficara, definitivamente, do grande poeta, não a esquecerei nunca. Duas noites antes, tinha visto Fernando Pessoa pela primeira vez e pela ultima fora do Café, no meio da rua. Sem essa nova e singular imagem, não me teria sido possivel rectificar as outras duas. Fernando Pessoa estava completo na minha memoria.

JOÃO GASPAR SIMÕES



O cinquentenario do Simbolismo vai ser comemorado em França com solenidade e carinho. Uma das manifestações que se projectam será uma peregrinação á casa de Stéphane Mallarmé, em Valins. Curioso

destino o desse poeta hermetico e profundo, que através da sua exclusiva paixão intelectual pelos ritmos e pelas imagens atingiu momentos de emoção rara e de grandeza desse país. Discutido, e quasi trocado enquanto vivo pela maioria do publico, soube criar um núcleo de fiéis que, na sua conversa esmaltada de preciosos conceitos, encontraram os mais fecundos ensinamentos, e na sua obra difficil sugestões de alto e perene valor. Basta lembrar que Valéry, Henri de Régnier, Turtlet, Stuart Mervile, tantos outros, se consideravam e consideram, orgulhosamente, discípulos do mestre venerado. Entre nós, Eugenio de Castro foi, e supomos que é ainda, um admirador fervoroso de Mallarmé. Optimo seria que o nome do nosso maior poeta vivo apparecesse ao lado daqueles que, no mês de junho proximo, vão levar ao autor do «Après-midi d'un Faune» a homenagem da poesia moderna, em parte, em grande parte, sua filha e herdeira.



Bernard Schaw, que realizou uma larga viagem na America, tendo passado alguns dias em Honolulu com Charlie Chaplin, desembarcou ha dias em Southampton, com a sua barba branca, cada vez mais nova, e a sua acida

e torrencial ironia.

Interrogado pelos jornalistas, declarou que tem pronta uma peça intitulada—«Genebra».

Deve ser uma «pochade» á Sociedade das Nações, feita com aquela excentricidade que é um dos segredos do talento do notavel dramaturgo irlandês.

Assim o deu a entender, dizendo aos jornalistas:

—É uma peça puramente politica, cuja acção se passa em Genebra. Trata-se duma série de conversações. É muito possivel que haja quem diga que não é uma peça... Não faz mal! Enquanto não trabalhar na copia da otilografada, não posso dizer exactamente qual é o seu genero.



Cromelynck, o celebre autor dramatico, occupa-se da sua arte, do futuro da sua arte na «Revista da Aliança Francesa». Vale a pena ler esse penetrante e equilibrado estudo, que se intitula «A busca duma formula nova». Mas, neste como noutros

assuntos literarios e artisticos, as formulas novas são sempre as formulas eternas. E quando Cromelynck diz que o sucesso duma obra teatral depende unicamente do «acôrdo entre o autor e o publico» e esse acôrdo «da fidelidade da execução», regressa afinal aos principios imutaveis da arte cénica, que não pode ficar sujeita, como acontece agora, á infallibilidade do gosto dos directores de teatro e do actor illustre... Em resumo: Cromelynck entende que o «autor deve trabalhar sozinho, até ao fim», e que, depois disso, «se o publico se engana nos seus julgamentos, a obra julgará o publico». Altivas palavras, que nem por muito compreensíveis e talvez conhecidas, deixam de trazer um acento novo, e de abrir novas perspectivas aos destinos do teatro francês—e do teatro de todo o mundo...

Dez minutos **UMA NOVELA**

COM

HISTORIA SIMPLESpelo dr. **Ramada Curto****D. Virginia Lopes de Mendonça**

Maria Migalha—é uma migalha de outro mundo pequenino de ilusão e de fantasia, que as mãos delicadas de D. Virginia Lopes de Mendonça, atiraram para os acaes da ribalta. Foi um triunfo! A representação teatral, na moldura severa e prestigiosa do Nacional, sublinhou admiravelmente esse lindo poema de ternura infantil, que Maeterlinck não desdenharia ter assinado. A autora de *Maria Migalha* é filha de Henrique Lopes de Mendonça, esse glorioso marlinheiro, que nos deu em paginas de tapeçaria heroica, alguns dos mais belos feitos da historia portuguesa. Conserva os mesmos traços literarios: um estilo limpo, recamado de imagens, a visão milagrosa de ressuscitar figuras e a nobreza dos assuntos que podem aumentar o patrimonio espiritual da Patria.

Ha muito que ela, com uma modestia natural, feita de espontaneidade, vem enriquecendo a nossa escassa literatura infantil. Nada ha mais belo do que uma senhora pôr ao serviço dos infantes pequeninos, os tesouros da sua alma e do seu coração. Virginia Lopes de Mendonça, em lindos contos azues, deslumbrantes de fantasia, tem-lhes ensinado, pouco a pouco, através de reis e pastoras, animais que falam e deliciosos simbolos, de alto significado moral, verdadeiro teatrinho de fantoches—a serem melhores, rosados e delicados anjos de graça e de ternura.

—Para mim é um prazer escrever para as crianças.—E com um sorriso de doçura.—Sempre as tias velhas tiveram esta utilidade na vida: contar historias. Eu, desde que encontrei esta tendencia, tratei de adoptar todas as crianças, fiz delas sobrinhos queridos, e, como não podia ser ouvida por todos, puz-me a escrever.

—Mas como começou...

—Com meu pai! Foi no semanario infantil *O Gafanhoto*, lançado com tanto entusiasmo pelo meu tio Tomaz Bordallo Pinheiro, e de que meu pai era director, que publiquei os primeiros trabalhos de literatura infantil. Anos depois saia *O coelhinho Tic-Tic* que é, talvez, o meu livro preferido. Isto não quer dizer que não tenha pelos outros o maior carinho.

—E a sua linda *Maria Migalha*?

—Confesso-lhe um peccado. Deu-me tanta satisfação que julgo real a sua personagem. Anda comigo. Falamos horas e horas no remanso do meu gabinete de trabalho. Conheço-lhe todos os segredos e ela todas as minhas tristezas.

«Mas, *Maria Migalha* mesmo assim, migalhinha como é não me pertence inteiramente. Encontrei na colaboração de Laura Chaves tudo quanto a essa peça faltava para a sua completa realização: graça e musica.

«Além de Laura Chaves, Amélia Rey Colaço e Robles, com a sua admirável companhia prestaram a peça tanta ternura e tanta arte que, afinal, é a esse conjunto de colaboração que eu devo o exito da *Maria Migalha*...

—Tem outros livros em preparação?

—Como sou uma trabalhadora infatigável já depois da *Maria Migalha* publiquei um livro para crianças—*Aventuras do Mosquito Zigue-Zague* que é também muito da minha afeição.

«As illustrações de meu irmão Vasco—desculpe a imodestia—classifico-as de primordiais, cheias de movimento e de observação humorista.

Esta manhã, ao sair de casa, sob a chuvinha impertinente que caia do céu morrinhento, vi, seguindo pelo passeio, a minha frente, duas pequenitas, de mãos dadas. Eram pobres as duas crianças.

Não friso este pormenor para criar atmosfera emocional. A pobreza dos outros já não emocionava ninguém. Os pobres não se emocionam, porque têm a sua própria para se entreter. Os ricos porque têm mais em que pensar. E as pessoas piedosas e compadecidas, por causa duma cena, passada ha muitos anos entre os convidados dum tal Simão, o Leproso, nenhum dos quais, por mais inefável que fosse a sua Palavra, era, todavia, economista.

Mas, as crianças eram pobres, duma pobreza evidente, nos trapos humildes que as cobriam e no calçado velho e roto. Que a mais pequenita nem calçada vinha. Trazia nos pés umas sandalias e entre as correias destas via-se-lhe a carne tenra, róxa de frio. Devia a mais nova ter uns cinco anos e a mais velha não chegaria a ter o dobro da idade.

No entanto a miséria não as impedia de serem ambas bonitas—com o que a Natureza se manifestava mais uma vez caprichosa e amiga dos contrastes. Não digo que essa beleza lhes fosse uma compensação de futuro, porque não sei bem se será útil para uma mulher pobre ser bonita. O que me prendeu mais a atenção e me fez sorrir, foram os cuidados maternais da mais velha pela mais pequena. Dir-se-ia uma máisinha de dez anos.

—Dá cá a mão, filha. Tens os pés molhados? Estás cansada?—preguntava ela.

Ha episodios de rua que, observados de manhã, dispõem bem para o resto do dia.

Foi este episodio que me recordou a historia que vou contar.

O cenário é outro. Passou-se no campo e na minha aldeia, ha alguns anos.

A miséria nos campos, mesmo quando é maior, é menos feia do que na cidade. Ha as arvores, os montes, as aguas que correm e a serenidade dos grandes horizontes, tudo coisas impassíveis mas belas. No campo olha-se mais para o céu onde, de noite, se acende a unica iluminação publica que existe. Será por isso que as coisas feias o parecem menos.

Antes de começar a minha historia confesso que lamento não saber escrever, não ser prosador elegante, cuja prosa bordada a bastidor, «ponto abaixo, ponto acima», vale pelo encanto formal e consegue dar relevo às coisas mais banais.

Mas eu vou dizê-la como souber. Façam de conta que a historia é como um simples cacho de uvas «trincadeira» ou «diagalves», que um cavador daqueles sitios lhes oferece com simplicidade, sobre as proprias folhas da videira.

Quando morreu o Jacinto, guarda-rural, dum desastre de arma de fogo e apenas com trinta anos, a viuva ficou na maior miséria e com duas filhas a cargo, a Maria de dez anos e a mais pequenita, a Aurorinha, com cinco.

O Jacinto não tivera tempo para se empenhar e deixar a vinha na mão do prestamista—o que sempre daria à viuva a ilusão de ficar com alguma coisa e obrigava ao inventario de menores. Parecendo que não, isto do inventario é um lenitivo. Os pobres gostam que os senhores da justiça lhes deem consideração e se preocupem em proteger-lhes os «direitos». Depois uma vinha sempre vai enganando a fome

durante uns anos, até que, as mais das vezes, volta ao dominio e posse de quem emprestou o dinheiro para a comprar.

Mas o Jacinto morreu inesperadamente de desastre e o seu espolio era a arca de pinho em cima da qual o deitaram depois de morto, a cama enorme onde ele dormia com a mulher e as pequenas, a cantareira da loiça, uma mesa e uns bancos. O fato novo levou-o para a cova, o que era natural, visto o pobre ir «ver a Deus» e não ser decente apresentar-se no outro Mundo tão mal trajado como andava neste. A melhor peça do espolio era a espingarda, que ficou «pela divida» ao Carlos da tenda.

Depois do corpo sair e saírem as vizinhas, a Miquelina ficou só, embrulhada numa saia, com o biço do lenço preto puxado para a frente, exausta de gritar «ai o meu rico homem» «ai que Deus levou-me o pai das minhas filhas» desde que tinham posto o marido no caixão, até que o tinham levado porta-fora. Só então se lembrou das filhas. A Maria estava a um canto com a Aurorita a dormir-lhe no colo. Como poderia ela agora, sem o braço do homem, ganhar o pão para aquelas bocas? Era a ideia unica que a obcecava, a interrogação para que não achava resposta. Tão pequeninas ainda, só serviam para comer, pensava a Miquelina. E ficou-se pasmada, de olhos fixos, numa inacção, sem reparar que, mais energica do que ela, a Maria, depois de deitar a irmãzinha na cama muito seria, sem dizer palavra, fôra acender o fogareiro, puzera a marmitta ao lume a aquecer agua e preparava-se para fazer um caldo de feijões.

E foi sempre assim, depois. A Maria era uma mulhersinha de dez anos. Tomava conta da irmã pequena, enquanto a mãe andava pelas casas dos ricos da terra em trabalhos de costura e quando a mãe voltava ao anoitecer, encontrava a irmã tratada e todos os preparos feitos para a ceia. O caso constou e chegou aos ouvidos das senhoras Freitas, duas irmãs velhas, muito ricas, muito magras e muito solteiras, que viviam na Quinta de Santa Eulalia. Ora as senhoras Freitas, agradadas do «proposito» da Maria, disseram à mãe que deixasse ir as pequenas todos os dias para a quinta, que lá lhe dariam de comer e sempre era um alivio para ela. A Miquelina beijou as mãos das senhoras Freitas, agradecida e com lagrimas. Estas viram assim confirmada a sua reputação de muito boas senhoras, que «faziam muito bem à pobreza». De maneira que daí por diante, mal a mãe saía para a sua lida, a Maria, com a Aurorita ao colo, ia para a Quinta de Santa Eulalia—um grande casarão solarengo que parecia um convento e onde as duas manas Freitas viviam—velhas, magras, solteiras—entre moveis antigos e retratos de familia.

A Maria pagava bem o sustento. Esperta e diligente, limpava o pó, lavava pequenas peças de roupa, varria os enormes corredores, tratava a criação. E «ó pequena vai fazer isto» «ó pequena vai fazer aquilo», o certo é que as bondosas senhoras, durante o dia todo, não davam tempo à garota para estar ao pé da irmãzinha, para a acarinhar, para brincar com ela, como costumava fazer quando ficava em casa.

A Aurora, vendo-se só e desprezada, chamava-a, gritava por ela e, por fim, quasi sempre, desatava num berreiro. Mas a D. Henriqueta, uma das Freitas, a mais velha, que sofria de enxaqueca e obrigava as criadas a usar chinelos de

trança para não fazerem barulho, é que não podia levar a paciência aquilo.

—Cala-te rapariga! Não berres! Se já se viu uma coisa assim!—gritava a D. Henriqueta para a Aurora, com os olhos a fusilarem de furia, por trás dos vidros das lunetas.

A Maria aproximava-se logo, conciliadora, procurando calar a irmãzinha.

—Que criança tão estúpida!—Nem dá vontade a uma pessoa de fazer bem! Com esta berraria alvoroçaram-se-me as dôres de cabeça!—dizia D. Henriqueta.

E logo a outra Freitas, concor dava:

—Louvado seja Deus! Esta pequena é um bichinho!

A Maria muito séria, com uma prega severa na testa, calava-se, mas olhava as manas Freitas de soslaio.

Até que um certo dia, ou porque a Aurora chorasse mais do que o costume ou porque D. Henriqueta estivesse mais mal disposta, a excelente senhora, levantou da mão, berrou «cala-te, diabo!» e deu um rude safanão na petisa.

A Maria tinha acabado de chegar ao pé da irmã que, sucumbida, olhando com terror D. Henriqueta, lhe estendeu os braços a pedir auxilio.

Num repêlão, muito pálida, a Maria agarrou na irmã, aconchegou-a bem ao peito, mirou D. Henriqueta de cima e baixo e encaminhou-se rapida para a porta.

—Onde vais, Maria?—preguntou D. Henriqueta.

A Maria não respondeu e começou a descer a escada de pedra do palácio que dava para o jardim.

—Onde vais, rapariga?—insistiu de cima a velha.

A Maria corria, corria, já saía ao portão, metia a estrada, com os braços da irmãzinha à roda do pescoço, sem dar resposta, sem olhar para trás, como se um perigo viesse a correr atrás dela.

E correu assim, a toda a força das suas pernas de dez anos, até à porta da sua casa. Chegada lá, parou exausta, com a respiração arquejante. E foi então que, sentando a irmã na soleira da porta, risonha, carinhosa, a rir-se para ela, quasi lhe gritou, com intimativa, como um desafio à manana Freitas:

—Chora agora, Aurorita! Chora a tua vontade!

A pequenita olhou pra a irmã e não chorou—começou a rir também, muito contente.

Ea não sei como esta historia se tomou conhecida.

Mas já a Maria era mulher—e bem perfeita que ela se fez!—os rapazes e as raparigas da terra, diziam-lhe, de brincadeira, às vezes, o que ela dissera à irmã:

—Chora agora, Aurorita, chora!

Não sei se acharam graça à minha historia. Se não acharam só me resta pedir desculpa do tempo que lhes roubei.

RAMADA CURTO

MARCEL PAGNOL**O sentido das suas doutrinas sobre as relações intelectuais do teatro e do cinema**

Para Pagnol, o triunfante dramaturgo do «Topaze» e do «Marius», o cinema não existe. Esse sonho do «cinema puro», formado pela cadencia das imagens, com a acção dada por estas imagens, essa concepção de arte independente com processos próprios e uma estética própria, não passa dum lindo e ingenuo sonho de utopistas imaginosos.

Grande utilidade do cinema, aparte o seu papel documentador e vulgarizador, é ser, nada mais, nada menos, que a «*imprimerie du théâtre*». O cinema não é diferente do teatro. É apenas o seu continuador e seu salvador. Ele só existirá para impressionar no seu celuloide, fixando-a, a interpretação teatral, a cujos ditames deve passar a obedecer.

Para Pagnol o teatro com os seus pânos pintados, a inércia forçada dos palcos sempre limitados, está (a frase é dele) condenado á morte. O cinema porém não é mais que o alargamento dos meios de realização teatral. A expressão de «*imprimerie du théâtre*», que tanto scandalizou os cineastas franceses, foi invenção sua, acrescentando que aqueles que hoje ti-

nam a mania de procurar nas imagens do cinema uma expressão autónoma, seriam, no futuro, tão ridículos como se Gutenberg tivesse concebido uma arte de impressão sem se reportar á copia de textos, apenas deliciado pelas suas letras e por elas ficarem bonitas umas a seguir ás outras.

A primeira vista isto parece ser apenas um combate á doutrina da «sinfonia das imagens», á construção dum ritmo visual, correspondente ao ritmo poetico na literatura e ao ritmo melódico na musica, como o realizaram Rutmann e Eisenstein. Mas não. Pagnol vai mais longe e pretende a absoluta submissão do cinema ao teatro, permitindo áquela variar, sem o choque das mutações teatrais, os ambientes e os fundos.

Se os doutrinadores do cinema se indignaram com este criterio de Pagnol, os do teatro não se irritaram menos.

E ele, em vez de alinhar com os «conservadores» do teatro que desdenhosamente crismavam o cinema de «teatro em conserva de gelatina», «teatro de sombras falantes», etc., aproveitava a no-

va arte para a pôr ao serviço daquela que lhe deu a gloria. Assim, embora transplantado do palco para a tela, o teatro, que tem mantido o mais alto nível intelectual desde Sofocles e Aristotélanes a Ibsen e a Shaw, encontraria, segundo o criterio do grande dramaturgo francês, a salvação, pois se ele tem sofrido através de milénios as maiores transformações de forma, de tecnica e de meios, entraria, com o cinema, apenas em mais uma fase.

Contestada esta doutrina com argumentos de filosofia de arte, Pagnol respondeu que era principalmente aí que o seu criterio tinha razão de ser, visto que no teatro tem existido sempre uma fatal contradição. Diz ele, que entre paredes falsas, com uma linguagem falsa e uma iluminação falsa, o teatro faz actuar actores verdadeiros, em carne e osso. Esta incoerência desvirtua-o.

Na literatura a ficção é total, pois, homens, cenários e paisagens, são vistos através dos artificios técnicos da prosa. No teatro metade era ficção, metade realidade.

Para esta dualidade encontraram os gregos e os japoneses remedio, utilizando a mascara ou caracterizações fantasticas, que fazem integrar melhor a figura humana na ficção. Para resolver estas contradições, Antoine procurou a solução oposta, tentando arrancar o mais possível o teatro ao convencional, dando o realismo da parede á «parede», e o da arvore á «arvore», construindo tudo de verdade.

Como a solução de Antoine é quasi que impraticavel, o espirito humano voltou á solução dos gregos e, em vez da «mise-en-scène» ser «real», tornou os actores «irreais», tornando-os sombras moventes e falantes.

Assim o cinema não seria mais do que a integração absoluta do teatro em si proprio...

Tudo isto nos afirma Pagnol e, temos que confessar, mesmo não concordando, que ele defende a doutrina brilhantemente, com uma logica inteligente e habil.

Mas na passagem da teoria á pratica é que Pagnol foi encontrar, por ele proprio, todos os erros do seu criterio.

Liberto da «carne e do osso» dos actores, o autor da «Fanny» pretendeu fazer este seu teatro 100 0/0, contrariando os primordiais ensaístas do cinema, afastados sempre desse caminho.

Maurice Bardèche e Robert Brasillach comentam, por sua vez também cheios de boa logica, o caso, assim, na «Histoire du Cinema»: «A partir do momento em que as sombras se tornam da mesma especie dos décors, parecerá a todo o homem razoavel que a arte que os move deve tratá-los como trata o décor, isto é, logo que ela seja uma arte de luz e de sombra, como a uma arte plastica. E como tudo isto é movente, como a uma arte plastica em movimento. No cinema falado nada deverá mudar: a palavra entra como som no movimento, e basta que nos lembremos do belo filme de Van Dyke onde os actores falavam esquimós».

Estes dois escritores de cinema, partidario um pouco do cinema sem ficção, admitem-na, desde que ela não demore ou prejudique a unidade de beleza plastica dum filme, que é o essencial do cinema.

Ora no caso de Pagnol a beleza plastica tinha que ficar á espera dos dialogos, morria com uma indigestão de palavras.

Como arte de ficção, a literatura projecta-se em palavras escritas nas paginas dos livros, o teatro em palavras faladas nos palcos, o cinema em imagens projectadas no écran.

O grande dramaturgo francês não se convenceu e foi ele proprio dirigir a transposição para cinema do «Topaze», do «Marius» e da «Fanny», dirigiu também «Le Genre de M. Poirier», enquanto que a Comédie Française fazia filmar, com identico criterio, «As preciosas ridiculas».

Estas obras tiveram o condão singular... de nem serem teatro, nem cinema, nem mesmo arte. Apenas uma longa machada e um triste insucesso.

Reparando nisto, Pagnol quiz valorizar nos seus filmes o elemento plastico, e, mantendo o seu respeito pelo texto, ele passou a apoiar as suas peluculas no ar livre, enchendo o seu «Angèle», o «Jofroi» e o «Toni» das maravilhosas paisagens da França. Mas as obras não tinham sido concebidas em cinema e a critica e o publico condenaram-nas.

O insucesso intelectual e o insucesso financeiro parece que o começaram a convencer. Tanto assim é que ele escreveu um cenário, propositadamente feito para o cinema, não sujeitando as imagens a esperar pelas palavras. Chama-se «Merlusse» e foi publicado na Petite Illustration. Dizem-nos porém que a concepção é, apesar de tudo, ainda bem infeliz, e que, apesar do prestigio do seu nome, com dificuldade se defenderá ao menos economicamente.

Mais efficientes que as de Pagnol, são as doutrinas sobre o assunto de Pirandello e de Gide, de que em breve aqui nos occuparemos.

Pagnol, recebido a quando da sua gigantesca incursão cinematografica como «o inimigo do cinema», converteu-se, muito simplesmente, em inimigo apenas dos seus desiludidos financiadores...

E o cinema continua a ser cinema.

Mousinho da Silveira chamou «vil canalha»**aos primeiros portugueses****que se revoltaram contra Junot**

Sei que «a quem escreve sobre assuntos historicos cumpre sempre evitar palavras sem base» e que «nunca, para o cultor das evocações do passado, uma afirmação deve ir desacompanhada do documento que a acredita». Mas isso não me ensinou o signatario da carta publicada no Suplemento Literario do *Diário de Lisboa*, de 11 do corrente. De ha muito que o havia aprendido nos livros dum Mestre do meu espirito: —Fustel de Coulanges. E é por isso que eu entendo que é sair do terreno científico em que a Historia se deve erguer vir falar em *rehabilitações e condenações*, em *modas e caprichos* de ocasião. O movimento de renovação historio-grafica, que tem sido a mais saliente característica da literatura portuguesa dos nossos dias, tem que ser apreciado exclusivamente á luz dum criterio rigoroso de critica das fontes. Nada temos com que os vultos estudados sejam ou não do *agrado de todos*. O que importa é a factura da obra, o metodo que presidiu á sua elaboração e as fontes que nela foram utilizadas. Assim se irá chegando áquela *equilíbrio científico* de que fala o sr. Gaspar Dutra da Silveira. Com Joaquim de Vasconcelos desfez-se a lenda da pusillanidade de D. João IV. Com Oliveira Lima provou-se que D. João VI não fugiu para o Brasil. Com Lucio de Azevedo colocou-se nos seus verdadeiros termos o problema da Inquisição e dos judeus em Portugal. Com Antonio Sardinha foi Gomes Freire apeiado da qualidade de *martir da Patria*. Com Caetano Beirão fez-se justiça ao reinado de D. Maria I. Pombal está, mercê de estudos que ultimamente têm surgido, em vespasas de ser encarado com novos olhos. E D. João III foi analisado friamente num livro de Alfredo Pimenta prestes a sair dos prélos. Mas vamos ao que importa...

Deseja o sr. Gaspar Dutra da Silveira saber onde colhi a informação de que Mousinho da Silveira, em carta para um amigo de Castelo de Vide, chamára *vil canalha* aos portugueses que se haviam revoltado contra a potencia de Junot, mandando substituir, no Castelo de S. Jorge, a bandeira nacional pelo emblema tricolor da Revolução. O sr. Gaspar Dutra da Silveira julga conhecer o que de mais importante se tem escrito sobre Mousinho da Silveira. Escapou-lhe, porém, a série de cartas publicadas no *Instituto*, de Coimbra (n.º 3 da sua 4.ª série). E sabe o sr. Gaspar Dutra da Silveira quem apresenta esses documentos —já celebres pela expressão apontada que neles se lê? Nem mais nem menos do que o biografo de Mousinho, autor da «valiosa monografia onde se compendiam os factos mais importantes da sua vida» —o proprio sr. dr. Laranjo Coelho. Isso é o suficiente para que, tanto para o sr. Gaspar Dutra da Silveira como para mim, a autenticidade desse testemunho esteja acima de quaisquer suspeitas.

* * *

Ao tempo em que Junot dispunha em Lisboa de vidas e fazendas, já Mousinho da Silveira —como no-lo revela o sr. dr. Laranjo Coelho —se havia posto em contacto com alguns dos mais entusiasticos influentes do nascente partido liberal, que se apoiava, quasi que exclusivamente, nas iniciações secretas dos clubes revolucionarios. E a benevolencia com que as tropas usurpadoras eram olhadas por esse grupo de portugueses avalia-se bem lendo alguns terchos dessas cartas do futuro legislador da Terceira. Em data de 9 de dezembro de 1807 —como já referimos no artigo que originou as observações do sr. Gaspar Dutra da Silveira —Mousinho da Silveira exprime-se deste modo: —«Os franceses são boas

gentes...». Mas é na carta seguinte que convem fazer demorar a nossa atenção.

E' sabido que no dia 13 de dezembro desse mesmo ano praticaram em Lisboa os invasores um acto a que muitos portugueses, ofendidos no seu brio patriótico, não puderam assistir impassiveis. Mais de cinco mil franceses, reunidos no Rossio, entre o troar da artilharia e clamorosos vivas á França e a Napoleão, saudaram a sua bandeira que, em substituição da portuguesa, se arvorou, então, no Castelo de S. Jorge. Em muitos pontos da cidade houve graves motins, tendo a população atacado, revoltada, as forças do exercito francês. No dia seguinte os tumultos redobram de violencia, e de parte a parte se registaram mortes e ferimentos. Eram os primeiros protestos contra a dominação estrangeira. Era o primeiro sangue que se vertia pela restauração da nossa independencia.

Pois bem: —os termos que Junot narra a Napoleão os acontecimentos que então se desenrolaram em Lisboa são quasi os mesmos de que se serve Mousinho da Silveira para, ao seu amigo de Castelo de Vide (e por sinal até, na mesma data), dar conta dos factos ocorridos nas ruas da capital. Escreve ao Imperador o chefe do exercito francês, conforme se pode ler no volume XII das *Provas da Historia do Exercito Português de Cristovão Aires*: —«*Depuis deux jours j'ai été occupé á ramener la tranquillité dans la ville de Lisbonne. Une portion de la plus vile canaille qui inonda les rues de cette capitale, avait insulté quelques soldats, et ne voulait pas, disait-elle, voir flotter le drapeau tricolore: quelques coups de fusils et une commission militaire ont ramené le calme, et tout est maintenant tranquille...*» —E, numa coincidência de palavras que chega a impressionar dolorosamente, Mousinho da Silveira exprime-se deste modo: —«No mesmo domingo, pelo meio dia, começou aqui a vil população a estar em movimento contra os Franceses, e deu muitos «vivas» ao marquez de Alorna, que nessa hora passou pelo Rocio, quando os Franceses tinham no Castelo arvorado a sua Bandeira. Nesse dia á noite houverão algumas desordens, e na 2.ª muito cedo houverão barbaros que ousarão atacar a guarda Francesa do Terreiro do Paço com pedras, etc., houverão alguns mortos, e chegou a haver descarga dada pela tropa. Desde então tem-se tomado as maiores precauções contra semelhantes amotinadores, que na 2.ª feira fizeirão estar todas as portas fechadas». E acrescenta: —«Que nenhum homem de honra entrasse nesta desordem já V. S.ª sabe: o que lhe posso dizer he que nem entrou huma pessoa cuja nome se saiba ou se conheça. A vil canalha quer perturbar a bela ordem em que tudo se acha, e comprometer a felicidade pública...».

Disse o sr. Gaspar Dutra da Silveira que eu puzera em duvida o patriotismo de Mousinho da Silveira sem apresentar a sombra sequer dum elemento de prova. Ei-lo aí, agora, bem claro e concludente. E a frase por mim citada —identica, palavra por palavra, á que Junot utilizou no seu relatório a Napoleão —nunca poderá ser desmentida. «A ser verdadeira —escreve o sr. Gaspar Dutra da Silveira —poria em grave risco o bom conceito em que Mousinho da Silveira é tido pelos que prezam a sua qualidade de portugueses. Quem chama *vil canalha* aos que se revoltam contra o invasor opressivo não sabemos que classificação merece».

Isso agora é com o sr. Gaspar Dutra da Silveira e com «a honra duma figura que a Historia nos ensinou a venerar». Eu nada mais tenho a acrescentar sobre o assunto.

RCDRIGUES CAVALHEIRO

ROBERTO NOBRE